

UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI

Programa de Pós-Graduação em Educação

Gisely Xavier da Silva

**UM ESTUDO SOBRE A HISTÓRIA DO ENSINO NA ESCOLA ESTADUAL JOSÉ
AUGUSTO FERREIRA, EM CARATINGA/MG, DE 1960 a 1980.**

Teófilo Otoni

2019

Gisely Xavier da Silva

**UM ESTUDO SOBRE A HISTÓRIA DO ENSINO NA ESCOLA ESTADUAL JOSÉ
AUGUSTO FERREIRA, EM CARATINGA/MG, DE 1960 a 1980.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, como requisito para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Amédis Germano dos Santos

Teófilo Otoni

2019

Ficha Catalográfica
Preparada pelo Serviço de Biblioteca/UFVJM
Bibliotecária responsável: Graziela Lopes da Costa - CRB6 nº 2807

S586e
2019

Silva, Gisely Xavier da

Um estudo sobre a história do ensino na escola estadual José Augusto Ferreira, em Caratinga/MG, de 1960 a 1980 / Gisely Xavier da Silva – Teófilo Otoni: UFVJM, 2019.

84 p. : il.

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019.

Orientador: Prof. Dr. Amédis Germano dos Santos.

1. Educação. 2. História da escola. 3. Qualidade de ensino. I. Título.

CDD: 370.981

GISELY XAVIER DA SILVA

**UM ESTUDO SOBRE A HISTÓRIA DO ENSINO NA ESCOLA ESTADUAL
JOSÉ AUGUSTO FERREIRA, EM CARATINGA/MG, DE 1960 a 1980.**

Dissertação apresentada ao
MESTRADO EM EDUCAÇÃO, nível de
MESTRADO como parte dos requisitos
para obtenção do título de MESTRA EM
EDUCAÇÃO

Orientador (a): Prof. Dr. Amédís
Germano Dos Santos

Data da aprovação : 08/11/2019

Prof.Dr. AMEDIS  DOS SANTOS - UFVJM

Prof. GUSTAVO CARVALHAL SANTOS - UFVJM

Prof.Dr. ANTONIO CARLOS VICTOR  AMARAL - DOCTUM MANHUAÇU

DIAMANTINA

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela sua Fidelidade e por me dar forças para vencer os desafios.

Aos meus pais pelo exemplo e por todo apoio para alcançar meu objetivo.

Aos meus irmãos e cunhada pelo incentivo e apoio incondicional.

Ao meu professor e amigo Dr. Amédís Germano, por todo incentivo, paciência e pela brilhante orientação; sem dúvida, fundamentais para a consecução desta dissertação.

À Doctum Caratinga e UFVJM pela oportunidade da realização deste estudo.

Aos colegas e companheiros do Mestrado que tornaram a caminhada mais suave e divertida.

Aos professores do Programa pelo profissionalismo e pelos conhecimentos transmitidos.

A todos que participaram das entrevistas que contribuíram com suas memórias e opiniões, sem a colaboração de vocês, o trabalho seria impossível.

Aos meus amigos pela torcida e incentivo.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, me auxiliaram nesta trajetória.

A todos vocês expresso minha eterna gratidão e reconhecimento.

RESUMO

A pesquisa aqui descrita tratou de um estudo sobre a história do ensino na Escola Estadual José Augusto Ferreira, no município de Caratinga/MG no período de 1960 a 1980. O que se percebe nas últimas décadas é que a educação passou por um processo de democratização, com mudanças legais que levaram educação para todos, sendo o cidadão portador de direito à educação pública gratuita. Contudo, índices revelam que a qualidade do ensino vem caindo e o reflexo é direto na sociedade e no mercado de trabalho. Por isto, buscou-se analisar o período áureo da educação brasileira, que foi da década de 1960 a 1980, décadas marcadas por um governo militar, onde não havia liberdade de expressão e manifestação, mas que houve um direcionamento para a formação intelectual, física e moral do cidadão. Assim sendo, foi realizada uma pesquisa de revisão de literatura, apontando características históricas da educação brasileira, as transformações educacionais ocorridas nas décadas de 1960 e 1970, complementando o estudo com uma pesquisa realizada por meio de entrevistas com ex-alunos e ex-professores sobre suas percepções do processo educacional vivenciado na Escola Estadual José Augusto Ferreira. Como resultado das entrevistas foi possível perceber que tanto ex-alunos quanto ex-professores ressaltaram que a Escola Estadual José Augusto Ferreira possuía uma boa estrutura e profissionais com boa formação que se dedicavam ao ensino, oferecendo formação intelectual e ética, através de organização e estímulo ao pensamento crítico. Foi possível concluir que esse conjunto de fatores, aliados à participação ativa da família na educação dos filhos formaram o diferencial que lançou à sociedade cidadãos e profissionais qualificados.

Palavras-chave: Educação. História da escola. Qualidade de ensino.

ABSTRACT

The research described here was a study on the history, technology and quality of education at the José Augusto Ferreira State School, in the city of Caratinga / MG from 1960 to 1980. What can be seen in recent decades is that education has gone through a democratization process, with legal changes that led education for all, being the citizen with the right to free public education. However, indices show that the quality of education has been falling and the impact is direct on society and the labor market. Therefore, we sought to analyze the golden period of Brazilian education, from the 1960s to the 1980s, decades marked by a military government, where there was no freedom of expression and manifestation, but that there was a direction for intellectual, physical formation. and moral of the citizen. Thus, a literature review research was conducted, pointing out the historical characteristics of Brazilian education, the educational transformations that occurred in the 1960s and 1970s, complementing the study with a research conducted through interviews with alumni and former teachers about his perceptions of the educational process experienced at the José Augusto Ferreira State School. As a result of the interviews, it was possible to realize that both alumni and former teachers stressed that José Augusto Ferreira State School had a good structure, with well-trained professionals who were dedicated to teaching, offering intellectual and ethical training, through organization and stimulation of critical thinking. It was possible to conclude that this set of factors, allied to the active participation of the family in the education of the children, formed the differential that launched citizens and qualified professionals.

Keywords: Education. School history. Quality of education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Plano de Estudo	19
Quadro 2 – Ex-alunos (1960 a 1980)	55
Quadro 3 – Ex-professores (1960 a 1980)	53

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do município de Caratinga.....	34
Figura 2 – Visão panorâmica da área centra de Caratinga no século XX	37
Figura 3 – Frente da Escola Estadual José Augusto Ferreira	41
Figura 4 – Foto da construção da E.E.J.A.F.	42
Figura 5 – Construção das quadras de esportes	43
Figura 6 – Aluna recebendo certificado de conclusão ginásial na E.E.J.A.F.	44
Figura 7 – Turma ginásial da E.E.J.A.F. do ano de 1962.....	45
Figura 8 – Alunos do Ensino Médio representando a peça teatral “O Pagador de Promessas” no ano de 1970.....	46
Figura 9 – Professores da E.E.J.A.F.	47
Figura 10 - Ex-diretores da E.E.J.A.F.	48
Figura 11 – Ex-Diretora da E.E.J.A.F.	49
Figura 12 – José Eduardo de Barros Dutra	50

SUMÁRIO

RESUMO.....	4
ABSTRACT	5
INTRODUÇÃO	9
Procedimentos Metodológicos.....	10
1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E A MUDANÇA NO CENÁRIO EDUCACIONAL NAS DÉCADAS DE 1960 A 1980	13
1.1 Processo de Evolução da Concepção Educacional.....	13
1.2 Resgate Histórico da Educação no Brasil: de 1500 até meados de 1950	18
1.3 Educação nas Décadas de 1960 e 1970 do Século XX.....	24
2 A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE CARATINGA E A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA ESTADUAL JOSÉ AUGUSTO FERREIRA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL	33
2.1 História de Caratinga	33
2.2 A Escola Estadual José Augusto Ferreira – E.E.J.A.F.: Sua História e Contribuição Educacional para o Município de Caratinga.....	41
3 CONTRIBUIÇÃO DA E.E.J.A.F. PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIOCULTURAL DA CIDADE DE CARATINGA-MG.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS	79
ANEXOS	83

INTRODUÇÃO

As décadas de 1960 e 1970 do século XX representaram um período de mudanças tanto na estrutura da educação brasileira e nas representações sobre a escola quanto nas culturas escolares. A legislação em torno da educação avançou naquela época, mesmo recebendo influência do governo democrático e ditatorial vivenciado pela sociedade. Todo esse movimento de transformações representou uma área de pesquisa sobre o estudo da escola secundária.

É importante compreender como a educação era vista neste período e de que maneira o processo educacional e a escola em si influenciavam a comunidade. Sabe-se que a escola é uma célula dentro da sociedade e tem por papel prover a formação educacional dos alunos. No entanto, a escola recebe influência da sociedade tanto quanto é influenciada por ela.

Desta maneira, a realidade social aqui colocada em evidência é a da Escola Estadual José Augusto Ferreira¹, onde buscou-se através de entrevistas e análise de documentos diversos, compreender as representações construídas sobre essa instituição de ensino quanto à sua história e qualidade de ensino.

O interesse por esse estudo surgiu da iniciativa em trazer à memória a importância da E.E.J.A.F na formação da elite de Caratinga, bem como a sua provável contribuição para a transformação sociocultural da cidade.

Por isso, tornou-se necessário estruturar um referencial teórico para descrever o parâmetro educacional da época, o perfil das escolas públicas do País nas décadas de 1960 e 1970, contextualizando a trajetória da E.E.J.A.F. de forma que ao longo da pesquisa se tenha condições de responder aos objetivos desse projeto de pesquisa.

Diante do contexto apresentado formulou-se, então, a questão norteadora dessa pesquisa: como a E.E.J.A.F contribuiu para a qualidade da educação no Município de Caratinga, nas décadas de 1960 e 1970?

Para responder à pergunta - problema o trabalho teve como objetivo geral: compreender de que maneira a qualidade da educação oferecida pela E. E. J. F. nas décadas de 1960 e 1970 foi determinante para o sucesso dos alunos, apontando tal processo educacional como um diferencial na formação da clientela atendida.

¹ - A partir de então passaremos a tratar o objeto de estudo como E.E.J.A.F.

Para alcance do objetivo geral, foram estabelecidos os objetivos específicos: abordar as transformações educacionais nas décadas de 1960 e 1970; contextualizar a trajetória da E.E.J.A.F identificando as suas estratégias de ação em busca da qualidade do ensino; identificar a contribuição da E.E.J.A.F para a transformação sociocultural da cidade de Caratinga-MG.

Para investigar o problema foi levantada a hipótese de que a instituição escolar em discussão tinha por objetivo a formação dos estudantes para a formação da elite caratinguense.

Procedimentos Metodológicos

Como bem nos assegura Antônio Carlos Gil (2002), pode-se dizer que pesquisa é um procedimento formal que procura investigar e responder aos problemas propostos. Neste contexto, fica claro que ela surge quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao questionamento, ou então quando a informação disponível não é compreensível e não está relacionada ao problema.

Segundo Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2003), “o problema pode tomar diferentes formas, de acordo com o objetivo do trabalho”. Devido aos fins para ampliar uma área de conhecimento útil para o avanço da ciência sem aplicação prática essa pesquisa se enquadra na natureza básica.

Segundo Gil (2002) a pesquisa descritiva tem como base a descrição das características de um público ou fenômeno de determinada população. Neste contexto, fica claro que vários estudos podem ser classificados sob este fim, contudo a utilização de técnicas padronizadas de coletas de dados é uma de suas características predominantes.

Quanto aos objetivos a pesquisa desenvolvida classifica-se em descritiva, devido ao estudo das características de um grupo. Além do referencial teórico para construção da base do estudo, também foi realizado um levantamento de dados por meio de entrevistas e de relatos de experiência de sujeitos participantes do processo educacional na E.E.J.A.F nas décadas de 60 e 70, para explicar os resultados encontrados.

Foi utilizada uma abordagem qualitativa de acordo com os objetivos de pesquisa neste trabalho. Conforme verificado por Gil (2002) a forma de abordagem qualitativa tem como base a interpretação do pesquisador. O método de análise escolhido foi o hipotético-dedutivo, devido a pesquisa girar em torno de uma hipótese e problema.

Do ponto de vista dos métodos adotados e visando analisar como a E.E.J.A.F contribuiu para a qualidade da educação no Município de Caratinga, nas décadas de 60 e 70 no primeiro momento foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica para a fundamentação teórico-metodológica do trabalho, a partir de materiais já publicados, constituídos principalmente de livros, artigos, anais, revistas e materiais disponibilizados na *Internet* e da realização de pesquisa documental em documentos internos da escola pesquisada, que diziam respeito ao objeto de estudo.

No segundo momento para o levantamento dos dados foram realizadas entrevistas estruturadas através da história oral.

Paul Thompson (1998) afirma que a importância desse método se dá na medida em que as fontes orais são importantes na contribuição da história social moderna, trazendo assim, a possibilidade de dar voz a inúmeros atores, como: alunos, professores, profissionais e membros da comunidade.

Nesta linha de pensamento a história oral pode ser entendida como uma metodologia para analisar as memórias através das entrevistas realizadas com pessoas de um determinado grupo, envolvido com temas de interesse para a pesquisa em desenvolvimento. Ela busca registrar lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória, permitindo um conhecimento do vivido mais rico de situações que não conheceríamos.

De acordo com Verena Alberti (1990) a história oral pode ser entendida como:

Um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1990).

A memória humana e sua capacidade de reviver o passado enquanto testemunha do vivido é o tema central da história oral, conforme defendido por Alberti (1990). Entende-se que não é somente a lembrança de certo indivíduo, mas dele inserido em um contexto social.

A dissertação está organizada em três capítulos, além da introdução e considerações finais. O capítulo um aborda a história da educação e a mudança do cenário educacional nas décadas de 1960 a 1980, assim como o processo de evolução da concepção educacional, o resgate histórico da educação no Brasil e a educação nas décadas de 1960 e 1970 do século XX. O capítulo dois faz uma abordagem da história do município de Caratinga e a contribuição da E.E.J.A.F. na construção da identidade social. O capítulo três analisa e discute

os depoimentos dos ex-alunos e ex-funcionários identificando a contribuição da E.E.J.A.F para a transformação sociocultural da cidade de Caratinga-MG. Por fim o último capítulo traz as considerações finais do trabalho. Ainda apresenta-se o apêndice com os instrumentos de coleta de pesquisa.

1. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E A MUDANÇA DO CENÁRIO EDUCACIONAL NAS DÉCADAS DE 1960 A 1980

1.1 Processo de Evolução da Concepção Educacional

Desde o início da civilização, a educação dos filhos era desprezada e colocada em segundo plano, pois as crianças não possuíam seu lugar definido na sociedade. Mesmo assim, as famílias eram responsáveis em educar os menores, pois era a partir do convívio familiar que os costumes eram transmitidos de pai para filhos.

Neste sentido, Jaqueline Delgado Paschoal; Maria Cristina Gomes Machado (2009) afirmam:

Do ponto de vista histórico, a educação esteve sob a responsabilidade exclusiva da família durante séculos, porque era no convívio com os adultos e outras crianças que ela participava das tradições e aprendia as normas e regras da sua cultura. Na sociedade contemporânea, por sua vez, a criança tem a oportunidade de frequentar um ambiente de socialização, convivendo e aprendendo sobre sua cultura mediante diferentes interações com seus pares.

O filho era visto como uma obrigação, e que só poderia ter alguma serventia à família após crescido, pois poderia ajudar os pais no sustento efetivo da casa, pois mesmo enquanto criança não conseguia desenvolver as atividades do adulto quando trabalhava.

Mesmo com o passar dos séculos e as mudanças nos costumes, o que dizia respeito à criação da prole não sofreu modificações significativas. Devido aos maus tratos e à precária condição de vida das famílias, na época do sistema feudal na Europa havia uma alta mortalidade de crianças, pois estas não resistiam aos péssimos cuidados a elas destinados ou às exaustivas tarefas que deveriam executar para ajudar a família.

Ordália Alves de Almeida (2002) destaca:

Foi no início do século XVII que surgiram as primeiras preocupações com a educação das crianças pequenas. Essas preocupações foram resultantes do reconhecimento e valorização que elas passaram a ter no meio em que viviam. Mudanças significativas ocorreram nas atitudes das famílias em relação às crianças que, inicialmente, eram educadas a partir de aprendizagens adquiridas junto aos adultos e, aos sete anos, a responsabilidade pela sua educação era atribuída a outra família que não a sua. Apesar de uma grande parcela da população infantil continuar sendo educada segundo as antigas práticas de aprendizagem, o surgimento do sentimento de infância provocou mudanças no quadro educacional.

Com base nos problemas vivenciados nas famílias, referente aos cuidados destinados aos menores e devido aos problemas de mortalidade das crianças por doenças adquiridas no convívio familiar, onde havia pouco ou nenhuma assepsia, percebeu-se uma necessidade de melhorias das condições de vida que culminou no surgimento de um movimento que procurou melhorar as condições de vida das famílias através da educação das crianças:

Este referido movimento trazia conceitos de higiene, além de educação moral, pois era liderado por religiosos e damas da sociedade, que além da educação da criança também trazia alguma educação sexual para os adolescentes, já em idade de núpcias.

Sendo criado um novo modelo de família onde a criança recebeu proteção material do pai e iniciação na educação, da mãe, o infante recebia preparo físico, intelectual e moralmente para amar e servir a humanidade princípio enfim de suas operações.

Em seu relato, Jurandir Freire Costa (2004) destaca:

A formação dos bons hábitos na criança deveria recomeçar pela renovação dos costumes alimentares. Com o alimento, não só era ingeridas as boas e as más idéias, assim a alimentação era responsável pelas características morais úteis ou perniciosas aos indivíduos.

A religião era apontada pelos higienistas como autoritária e destruidora das qualidades viris do homem. Os higienistas faziam constantes palestras sobre a educação alimentar e destacaram a importância dos colégios na vida da criança. Criticavam a forma de sua organização, que segundo eles reproduzem seis modelos da sociedade vigente, estavam preocupados com interesse dos tutores e dos pais e não se preocupavam com a nação e o país.

Os higienistas propuseram suprir as deficiências políticas dos diretores, ditando regras de formação do corpo sadio do adulto e da consciência nacionalista. O enquadramento disciplinar da criança teve seu horizonte nesta sociedade, ordenado conforme as aspirações dos médicos, a função do colégio na visão higiênica e de formar corações, preparar homens para a sociedade, aperfeiçoá-los físico, moral e intelectualmente, o espaço físico, foi pensado para produzir ordem, os alunos deviam mover-se obedecendo a um tempo não menos rígido e calculado. Previa-se tempo da alimentação, do sono e do trabalho intelectual, a finalidade era que o aluno não tornasse ócio, pois o conduzia à vagabundagem.

Considerava-se que os vícios eram prejudiciais ao desenvolvimento físico e moral e que os exercícios físicos prescritos em função da faixa etária e das características sexuais das crianças trariam benefícios. Acreditava-se na divisão por faixa etária dos alunos como

condição de possibilidade para o controle da sexualidade e para o estabelecimento do tipo de aprendizagem intelectual que os higienistas defendiam.

As instituições que se dedicavam à educação da criança e do adolescente exerciam um papel de transformação da família, pois moldavam os filhos em seus ideais higienistas, e os devolviam às suas famílias. A disciplina moral exercia o papel de controladora da indisciplina, enquanto a disciplina era responsável pela moral e a criação de uma ética compatível com as mudanças econômicas, sendo responsável pela aceitação do valor do trabalho e o respeito da propriedade privada.

Costa (2004) destaca:

Os pequenos hábitos, exercidos cotidianamente pela disciplina física moral e intelectual, gravavam nas crianças convicções e interesse diariamente opostos aos dos pais. Nos colégios os jovens educados aprendiam a defender a pátria e a propriedade dos antigos e futuros patrões, ao mesmo tempo em que se apressavam a condenar todos os que, não sendo proprietários se receasse a crer no jogo da dignidade do trabalho livre.

Os filhos foram usados como meio de atingir os adultos. O ideário higienista realizavam a educação das crianças para que em suas famílias fossem soldados treinados em prol dos conceitos de saúde e higiene. Havia uma valorização do cuidado com o corpo, da moral e da espiritualidade.

A sociedade dessa época na Europa e conseqüentemente reproduzida no Brasil, valorizava o adulto, enquanto o filho menor era visto como acessório supérfluo; interessava o filho adulto, com capacidade de herdar seus bens, levar adiante o seu trabalho e enriquecer a família. O filho, segundo o catolicismo colonial, era o resultado inevitável da concupiscência humana. Desta forma o filho representava a incapacidade do homem em renunciar os prazeres do mundo. Ainda do ponto de vista religioso a criança era valorizada como signo de pureza e inocência. “Ao catolicismo interessava-se predominante pelo adulto capaz de responsabilizar-se diante de Deus por suas boas ou más obras”. (Costa, 2004).

Ester Buffa; Miguel Arroyo; Paolo Nosella (1987) salientam que palavras como cidadão e cidadania remetem às Declarações dos Direitos do Homem e do Cidadão, que originaram-se em meados do século XVIII com a queda da aristocracia e a ascensão da burguesia. Mas antes de sua chegada à classe mais alta, a burguesia defendeu direitos universais, como educação e cidadania. Alguns dos princípios defendidos pela burguesia eram

de que a apropriação da propriedade se dava pelo trabalho, não pelo direito de nascimento, e que como todos os homens são livres e proprietários de si, onde possuíam os mesmos direitos. Contudo, com sua ascensão, a influência da burguesia na educação, voltou-se para que a mão-de-obra fosse treinada para a aceitação das normas sociais, evitando conflitos diante da realidade social vigente.

Na Europa, a partir da revolução industrial, houve uma desestruturação do modo de vida social vigente, pois ocorreu a mudança do modo de produção fabril para o industrial, onde a força motriz humana foi substituída pelas máquinas.

De acordo com Maria do Carmo Martins (2002), a escolarização não deve ser compreendida como sendo um fim em si mesmo, não devendo ser utilizada para o alcance de objetivos das classes sociais dominantes. Seu objetivo deve ser dotar o aluno dos meios necessários para que atinja seus próprios objetivos por meio de saberes úteis. Desta forma a educação deveria ser contemplada como um meio de exercício do cérebro, e não somente como objeto revelador, sendo necessário que os conteúdos sejam analisados para que sejam escolhidos.

Assim sendo, por não se exigir mais força física para execução das tarefas nas fábricas, pois haviam máquinas para o serviço pesado, a mulher garantiu a sua entrada no mercado de trabalho, mudando a estrutura da família e da educação dos filhos, que não mais contavam com a mãe em casa para educá-los.

Neste íterim, Pascoal; Machado (2009) ressaltam:

Em função da crescente participação dos pais no trabalho das fábricas, fundições e minas de carvão, surgiram outras formas de arranjos mais formais de serviços de atendimento das crianças. Eram organizados por mulheres da comunidade que, na realidade, não tinham uma proposta instrucional formal, mas adotavam atividades de canto e de memorização de rezas. As atividades relacionadas ao desenvolvimento de bons hábitos de comportamento e de internalização de regras morais eram reforçadas nos trabalhos dessas voluntárias. (p.80)

Nesta mesma situação, iniciou-se no Brasil a utilização da mão-de-obra de menores nas fábricas, apesar das péssimas condições de trabalho impostas a eles, pois a partir do momento em que não se exigia força física para a execução das rotinas na linha de produção e da ausência da mãe em casa para cuidar dos filhos, estas não tinham onde ir, e os pais achavam apropriado vender o tempo ocioso de seus filhos.

Paschoal; Machado (2009) destacam:

O nascimento da indústria moderna alterou profundamente a estrutura social vigente, modificando os hábitos e costumes das famílias. As mães operárias que não tinham com quem deixar seus filhos utilizavam o trabalho das conhecidas mães mercenárias. Essas, ao optarem pelo não trabalho nas fábricas, vendiam seus serviços para abrigarem e cuidarem dos filhos de outras mulheres. (p.80)

Na realidade, o objetivo das famílias desta época era a sobrevivência, ficando em segundo plano a qualidade de vida e a educação dos filhos, pois estes eram consideradas um peso para a família, pois em geral produziam despesa e problemas.

A partir do século XIX é que a ideia de educação foi tomando forma e caminhando para a construção do modelo que se conhece atualmente.

Com o desenvolvimento das cidades e dos centros industriais é que surgiu a necessidade de se educar os filhos de pobres, filhas dos trabalhadores das fábricas.

Neste sentido, Elaine Cristina BioMathias; Sandra Nazareth de Paula (2009) destacam:

Na busca de alternativas para contenção do desenvolvimento desordenado dos pólos de atração, segmentos da sociedade civil, entre eles, médicos, juristas, Igrejas Católicas, articulam com o Estado um plano de assistência às populações menos favorecidas. Para garantir a dominação do capital, a filantropia torna-se uma adaptação da antiga caridade que se preocupava com a diminuição do custo social, com a reprodução da classe trabalhadora e com o controle da vida dos pobres. Por iniciativa dos donos das indústrias são construídas vilas operárias, próximas às fábricas, com mercearias, escolas, creches, clubes esportivos, com o patrocínio de instituições filantrópicas, mulheres da alta sociedade e do Estado. (p.14)

Percebe-se, portanto, que as entidades responsáveis pela educação das crianças possuíam caráter assistencialista. Encontra-se na literatura citada por Paschoal; Machado (2009) que algumas instituições francesas já primavam pelo cuidado pedagógico, deixando de lado o cuidado físico e atendimento das necessidades físicas das crianças.

Com as mudanças vivenciadas pela sociedade, a revolução industrial trouxe alterações na vida dos cidadãos. William Heard Kilpatrick (1978) disse que os resultados sociais da crescente industrialização poderiam ser considerados numerosos e de grande alcance, e que somos incapazes de resolver de maneira eficaz as questões inerentes ao capital e trabalho, de modo que influenciam no processo educacional e no desenvolvimento social.

De acordo com Buffa *et al* (1987), o ideário trazido pela burguesia de que todos são iguais é colocado em dúvida quando entra em pauta as questões de trabalho e educação. O

interlocutor do discurso burguês é a escolástica², que além da igualdade, trouxe o conceito de que todos os homens tem a luz natural da razão, que não há sábio inato. É marcado como precursor desses conceito o filósofo e teólogo Comenius³ que por meio de sua Didática Magna, defendeu o ensinamento de tudo a todos, não de que todas as pessoas precisam conhecer todas as ciências, mas que todos os fundamentos das coisas devem ser ensinados a todas as pessoas. Contudo, há uma diferenciação entre a educação oferecida a cada classe social, com uma educação comum a todos até certo ponto: aos dirigentes era considerada a ideia de uma educação contínua.

1.2 Resgate Histórico da Educação no Brasil: de 1500 até meados de 1950

No Brasil o desenvolvimento do cuidado ao menor seguiu uma linha mista entre o praticado na Europa e Estados Unidos, mas com valor ressaltado da roda dos excluídos. Segundo Paschoal; Machado (2009):

É interessante ressaltar que, ao longo das décadas, arranjos alternativos foram se constituindo no sentido de atender às crianças das classes menos favorecidas. Uma das instituições brasileiras mais duradouras de atendimento à infância, que teve seu início antes da criação das creches, foi a roda dos expostos ou roda dos excluídos. Esse nome provém do dispositivo onde se colocavam os bebês abandonados e era composto por uma forma cilíndrica, dividida ao meio por uma divisória e fixado na janela da instituição ou das casas de misericórdia. Assim, a criança era colocada no tabuleiro pela mãe ou qualquer outra pessoa da família; essa, ao girar a roda, puxava uma corda para avisar a rodeira que um bebê acabava de ser abandonado, retirando-se do local e preservando sua identidade. (p.82).

Por meio de um resgate histórico da educação no Brasil, é importante salientar os diferentes períodos de desenvolvimento do processo educacional no país, partindo desde o Brasil Colônia até metade do século XX.

De acordo com Arnado Niskier (1996), no período de início do Brasil colônia, a educação era realizada pelos padres jesuítas, que ensinavam os elementos básicos da instrução. Com o passar do tempo, algumas capitânias possuíam instituições onde os jesuítas ministravam conteúdos como: Gramática Latina, Filosofia, Teologia Dogmática e Moral, Primeiras Letras e Matemáticas Elementares. Estas instituições eram mantidas por meio de

² Descrito como um método ocidental de pensamento crítico e de aprendizagem, originado nas escolas monásticas cristãs, utilizou a conciliação da fé cristã com um sistema de pensamento racional.

³ Jan Amos Komenský (em latim, Iohannes Amos **Comenius**; em português, João Amós Comênio. Nascido em 1592 e falecido em 1670.

doações e escolas, e sua construção se deu pelo trabalho dos religiosos, índios e alguns colonos solidários. Mesmo com toda a dificuldade e de modo muito rudimentar, os jesuítas foram responsáveis por quase dois séculos de educação pública no Brasil.

Já Maria Luísa Santos Ribeiro (1993) assevera que o trabalho catequético e educacional interessava ao colonizador, do ponto de vista econômico, já que deixava o índio mais dócil e suscetível à exploração. A educação profissional da época, centrada no trabalho manual, era elementar e apresentava técnicas rudimentares de trabalho, apresentando regras de comportamento no local de trabalho para a convivência de índios, negros e mestiços. Enquanto isso, os membros da elite e que deveriam assumir cargos de liderança eram preparados para o trabalho intelectual, com base em um modelo católico. As mulheres, por sua vez, eram educadas apenas para as prendas domésticas, regras de etiqueta e convívio social.

A Companhia de Jesus teve seus colégios procurados por muitos que não tinham vocação religiosa, mas que buscavam uma formação intelectual. Com relação aos índios, estes não apresentavam vocação ao sacerdócio. Com base nas necessidades da colônia e na formação oferecida pela Companhia de Jesus, o Padre Manoel da Nóbrega, nascido em 18 de outubro de 1517 e falecido em 18 de outubro de 1570 estabeleceu um plano de estudo diferenciado para aqueles que procuravam os colégios religiosos, já que o oferecido pela Companhia de Jesus educava índios e filhos de colonos (sem recursos) para o trabalho manual e o desenvolvimento da agricultura. Os dois planos educacionais (da Companhia de Jesus e do Padre Manoel de Nóbrega) podem ser visualizados no quadro 1:

Quadro 1 – Plano de Estudo

PLANO DE ESTUDO	
De Nóbrega	De <i>Ratio</i>
Aprendizado da Língua Portuguesa	Curso de humanidades
Doutrina Cristã	Curso de Filosofia
Escola de ler e escrever	Curso de Teologia
Canto orfeônico e música instrumental	Viagem à Europa
Aprendizado profissional e agrícola	
Gramática latina	
Viagem à Europa	

Fonte: adaptado de Ribeiro (1993)

Com as limitações e problemas do sistema Jesuíta de educação, a Companhia de Jesus foi expulsa da colônia no ano de 1759. O Marquês de Pombal, designado pelo Imperador como Ministro buscou meios de modernização e de retomar o crescimento econômico. O período chamado de “fase pombalina de educação colonial” é descrito por Ribeiro (1993) como um período de recuperação da educação voltada para a vida econômica, onde foi criada a educação pública propriamente dita. Havia a compreensão de que era necessário simplificar os estudos para que o máximo de pessoas se interessassem pelos cursos superiores, simplificação dos conteúdos, valorização da língua portuguesa e acréscimo de ciências e natureza no currículo.

Posterior a isso, com a invasão de Portugal pelas tropas francesas, a Coroa Portuguesa se viu obrigada a se mudar para a colônia, sob a proteção dos ingleses, e pelos acordos firmados, o Imperador de Portugal se viu obrigado a abrir os portos⁴. Com a instalação da Coroa Portuguesa na colônia foi necessária uma reformulação não somente administrativa, mas também intelectual. Esse período foi chamado de fase joanina. No que tange à educação foram criados novos cursos para a preparação de pessoal de maneira mais diversificada. O ensino primário mantinha as aulas de ler e escrever, enquanto no ensino médio permaneciam as aulas régias.

Colin Brock; Simon Schwartzman (2005) afirmaram que não havia o interesse em criar universidades ou cursos superiores. O ensino médio preparava o indivíduo para o trabalho liberal. Durante o século XIX a Coroa Portuguesa não cedia à pressão da Igreja para criar escolas de nível superior, mantendo exclusividade sobre as universidades. Contudo, com a proclamação da República em 1889 e a disseminação das ideias positivistas⁵. No final do século foi iniciado um processo de abertura de cursos superiores que não fossem por parte do governo central. Nos períodos de 1889 a 1918 foram criadas 56 escolas de nível superior, maioria de iniciativa privada.

No final do século XIX, ocorreu uma crise política, e que culminou na queda de Floriano Peixoto. Este foi um marco para o final da crise política da época. Ao se analisar quais as medidas que deveriam ser tomadas para a superação da crise econômica, tinha-se em mente que a solução poderia ser realizar uma aliança com a burguesia internacional e um processo de reorganização interna.

⁴ - Evento marcado pela Carta Régia, com a abertura dos portos às Nações Amigas.

⁵ - Ideias originadas do Positivismo de Augusto Comte (1798-1857). O positivismo defendia que o conhecimento científico era o único que poderia ser considerado verdadeiro.

Ribeiro (1993) destaca que tais instituições internacionais fizeram algumas exigências para que dessem seu apoio ao país. Uma das medidas foi a valorização dos produtos agrícolas, basicamente o café. Com base nisso, foi necessário o atendimento das exigências da burguesia internacional para a educação. Podem ser apontados os seguintes fatos:

A série de reformas pelas quais passa a organização escolar revela uma oscilação entre a influência humanista clássica e a realista ou científica. O código Epiácio Pessoa (1901) acentua a parte literária ao incluir a lógica e retirar a biologia, a sociologia e a moral. A reforma Rivadávia (1911) retoma a orientação positivista tentando infundir um critério prático ao estudo das disciplinas, ampliando a aplicação do princípio da liberdade espiritual ao pregar a liberdade de ensino (desoficialização) e de frequência, abolindo o diploma em favor de um certificado de assistência e aproveitamento, e transferindo os exames de admissão ao ensino superior para as faculdades, com o objetivo de que o secundário se tornasse formador do cidadão e não do candidato ao nível seguinte. Os resultados, no entanto, foram desastrosos.

O fracasso das medidas pode ser salientado nos dizeres de Niskier (1996), que destacou que ao propor as reformas e tentar suprir as deficiências encontradas no ensino primário, os governos estaduais se propuseram a investir em escolas normais que tinham por objetivo formar docentes de ambos os sexos para suprir a falta de profissionais qualificados em salas de aula. Até mesmo no estado de São Paulo, onde havia grandes giro de capital oriundo do comércio e exportação de café, o progresso no investimento na educação era reduzido: faltava infraestrutura e profissionais. Mesmo que houvesse doações realizadas por negociantes abastados e fazendeiros, ainda eram necessárias melhorias.

Enquanto não se adotava medidas mais enérgicas, o governo federal procurava adotar ações isoladas para a melhoria da qualidade do ensino. As atividades mais marcantes foram com relação ao Ginásio Nacional e o Ensino Secundário nos Estados, com a delimitação das regras e da obrigatoriedade dos certificados de conclusão de curso.

Toda a situação política vivenciada pela economia e a sociedade influenciaram de forma marcante a maneira em que a educação da época foi moldada. As crises vivenciadas na Era Vargas contribuíram para uma crise social que culminou na revolução de 1932 e na criação da Constituição de 1934, que trouxe pontos importantes para a educação da época.

Rosa Fátima de Souza (2008) apresenta a revolução de 1932:

Compreendida como uma reação imediata aos novos rumos tomados pelo cenário político nacional sob o comando de Vargas. Os novos representantes estabelecidos no poder, alegando dar fim à hegemonia das oligarquias, decidiram extinguir o Congresso Nacional e os deputados das assembleias

estaduais. No lugar das antigas personalidades políticas, delegados e interventores foram nomeados com o aval do presidente da República. A visível perda de espaço político, sofrida pelos paulistas, impulsionou a organização de novos meios de se recolocar nesse cenário político controlado pelo governo de Vargas. O clima de hostilidades entre os paulistas e o governo Vargas aumentou com a nomeação do tenente João Alberto Lins de Barros, ex-participante da Coluna Prestes, como novo governador de São Paulo. O desagrado dessa medida atingiu até mesmo os integrantes do Partido Democrático de São Paulo, que apoiaram a ascensão do regime varguista. (p.34).

Lucia Lippi de Oliveira (1973) ressalta que outro fator que influenciou a revolução foi a queda do preço do café devido a crise de 1929 levou o governo Vargas em 1931 a comprar as sacas de café que não haviam sido vendidas e proibiu que outras áreas de plantio fossem abertas, o que culminou no deslocamento das populações camponesas que se dedicam à cultura cafeeira a procurarem trabalho em áreas urbanas em São Paulo.

Ainda de acordo com Oliveira (1973):

Uma delas foi a perda do domínio político de São Paulo que, até a ascensão de Getúlio Vargas por meio de um golpe político e militar em 1930, alternava-se no poder nacional por meio de seu Partido Republicano com Minas Gerais, na chamada Primeira República (1889-1930). São Paulo também era responsável pela maior parte do orçamento do País, oriundo da economia do café, desenvolvida principalmente em terras paulistas. “Os políticos e proprietários das grandes fazendas controlavam a economia do café e influenciavam as diretrizes econômicas e políticas do País”, conta Borges. Ao mesmo tempo, a legislação trabalhista em articulação no governo de Vargas desagradava elites paulistas, que atribuíram a Getúlio e aos que apoiavam essa política, a pecha de "comunista".

Souza (2008) descreveu que o inchaço urbano acarretou problemas sociais que tornaram ainda mais graves os problemas já vivenciados pela crise econômica e as mudanças políticas da época. Esse fator foi o responsável por influenciar grande parte da população paulista. O que os participantes desse movimento defendiam que uma democracia plena fosse estabelecida onde houvesse respeito às leis na intermediação do jogo político. Getúlio Vargas teve como objetivo nesse período a centralização do poder político, acabando com as hegemonias regionais. No estado de São Paulo encontravam-se os resistentes ao novo governo.

Vale ressaltar que, mesmo que militarmente os paulistas tenham saído derrotados da revolução de 1932, em termos de política e economia houveram ganhos, pois o Estado de São Paulo permanecia como principal fornecedor de recursos e bens de consumo para o País em um momento de crise mundial econômica, que afetou o preço do café, levando-o a despencar.

Diante disso, foi preciso que o governo provisório mantivesse o incentivo de produção de café, realizando a comercialização e retenção dos estoques das fazendas. Houve também um reescalonamento das dívidas dos fazendeiros, e adoção de outras medidas que mantivessem o desenvolvimento.

A Constituição de 1934, produto da Revolução Constitucionalista de 1932, trouxe mudanças como a inclusão do ensino religioso no currículo, por exigência dos reformadores católicos. A União tinha competência privativa em traçar as diretrizes para a educação nacional e aos estados competia montar e organizar o sistema educacional, ficando estabelecido que a contrapartida por parte dos municípios para investimento em educação deveria ser de 10% e dos estados de 20%.

As Constituições Federais promulgadas após 1934 e demais dispositivos legais não vislumbraram grandes mudanças para a Educação. A partir de 1970, com função compensatória, o objetivo da educação era equilibrar as deficiências das crianças, sua pobreza e miséria e atrasos decorrentes das privações culturais e econômicas. Conhecida também como Pré-escola preparatória, essa função recebeu influências das teorias do desenvolvimento infantil através da visão da psicanálise⁶ e de pesquisas que procuravam correlacionar linguagem e pensamento com rendimento escolar, determinado a elaboração da abordagem da privação cultural.

Após isto, com função nutricional e sanitária, cabia à pré-escola compensar a desnutrição infantil por meio das merendas escolares e fornecer atendimento sanitário, como tratamentos odontológicos e exames médicos. No século XX até os dias atuais, a função pedagógica, remete ao desafio em favorecer o desenvolvimento intelectual, afetivo, psicomotor, social e moral das crianças, culminando em sua formação como cidadãos autônomos.

Dados relativos às décadas de 1970 e 1980 da educação brasileira, pode-se dizer que vigoravam na época duas teorias sobre o ensino: a modalidade tradicional e o novo, ou Escola Nova. O método tradicional era considerado como negativo e o novo compreendido como meio que garantia a mudança e melhoria na escola.

⁶ O desenvolvimento infantil pela visão da Psicanálise se embasou no fato de que a estrutura e o desenvolvimento atravessam a vida da criança, que se constitui sujeito e se constrói em um corpo que se desenvolve, amadurece e cresce.

Angela Maria Rabelo Ferreira Barreto (2009) destacou que:

Através de muita luta a partir da Constituição de 1988, é que a Educação Infantil pela primeira vez na história do Brasil reconheceu um direito próprio da criança pequena que era o direito à creche e à pré-escola. Há a reafirmação da gratuidade do ensino público em todos os níveis. A partir daí tanto a creche quanto a pré-escola são incluídas na política educacional, seguindo uma concepção pedagógica e não mais assistencialista. Esta perspectiva pedagógica vê a criança como um ser social, histórico, pertencente a uma determinada classe social e cultural.

Com o advento da Constituição da República de 1988 e com a edição do Estatuto da Criança e do Adolescente, o menor passou a ser considerado cidadão e sujeito de direitos e, com isso, a educação modificou sua abordagem no que diz respeito ao processo de desenvolvimento do indivíduo. A educação infantil foi incorporada como etapa inicial na Educação Básica pela LDB (Lei n.º 9.394/96), de modo que seu objetivo passou a englobar a não apenas a função de educar, mas também de cuidar da formação integral do indivíduo.

Certo é que as concepções pedagógicas sofrem modificações. Todavia, é importante analisar também as implicações sociais e jurídicas de cada mudança ocorridas com base nas ideias ligadas à educação, em especial no que dizia respeito às crianças, pessoas e cidadãos ainda em formação.

De modo geral, o termo educação é definido pela LDB, nos seguintes termos:

Art. 1º A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. (Brasil, 1996).

Educar é formar o indivíduo não apenas sob aspecto intelectual, mas também, social e cultural. A finalidade da educação é promover o desenvolvimento integral do indivíduo de maneira física, psicológica, intelectual e social, completando a ação da família; ou seja, a escola estaria preparada para acompanhar o indivíduo junto com a família. É por isso que as famílias e as escolas deveriam estar cada vez mais próximas, deveriam sentar-se para discutir os rumos da educação dos filhos. A proposta educacional de hoje deveria desenvolver a sensibilidade e o senso crítico, este último constituído de incentivo a autonomia e a construção de pensamentos divergentes.

Cabe ao professor o importante papel de garantir a diversidade e a igualdade de oportunidades, respeitando ritmos, desejos e características de cada um. Uma sala de aula não é uma sala de montagem de pequenos robôs, que são modelados pela vontade do mestre; são

pequenos seres que pensam, sentem e sabem quando são ignorados e deles lhes é tirada alguma oportunidade, mesmo que ela seja pequena e não saiba ainda o que isso significa.

1.3 Educação nas décadas de 60 e 70 do século XX

Dados apresentados por Luiz Werneck Viana (1997) destacam o processo de modernização ocorrido nos períodos de 1960 a 1970, quando surgiu à consolidação dos mercados consumidores, abrindo novos postos de trabalho e exigindo qualificação profissional. A tradição não foi abandonada, mas passou por uma revitalização que atendesse às demandas crescentes.

Ribeiro (1993) descreve em seu estudo os fatores que influenciaram nesse processo de modernização e crescimento de demanda, a liberdade política e o sentimento de paz social trazidos pela política do Presidente Juscelino Kubitschek, bem como o grande fluxo de capitais estrangeiros que passaram a circular no país.

As mudanças no cenário político e econômico das décadas de 1960 e 1970 influenciaram diretamente na educação, onde passou-se a uma alteração de estrutura no processo educacional, oferecendo aos alunos a preparação para o mercado de trabalho. Tal modificação pode ser percebida na promulgação da Lei 4.024/61 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e de outras posteriores como a Lei do Ensino Superior 5.540/68 e Lei do Ensino Básico 5.692/71.

Saulo Éber Tassio de Souza; Betânia de Oliveira Laterza Ribeiro (2008) asseveram:

A observação do processo de modernização nacional mostra que, aqui, priorizou-se, principalmente, a consolidação dos mercados de massa e a sofisticação do consumo, deixando de lado o bem-estar social. Assim, no Brasil ocorreu um processo de “modernização conservadora” marcado por acelerados progressos da tecnologia e da economia, em detrimento das esferas política e social, esquecidas nas preocupações das elites e governantes. A modernização não pressupôs o abandono da tradição, instalou-se um tipo de capitalismo antiliberal e antidemocrático, o que acabou por reforçar como marca do País, a coexistência de estruturas arcaicas com as modernas. A análise da educação escolar, a partir deste contexto de enormes e rápidas transformações, evidencia que as mudanças no ensino, também foram estruturadas em função do mundo empresarial (da mercadoria e do lucro), sobretudo, durante os anos 1960, período marcado pelo empenho estatal em sistematizar a educação, por meio de medidas como as promulgações da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 4024/61 e de suas sucessoras (5540/68-Ensino Superior e 5692/71-Ensino Básico).

Assim sendo, para se compreender a influência do processo de ensino na sociedade e na formação dos indivíduos, é necessário analisar o quadro da época, compreendendo as estruturas sociais, panorama político e as modificações que a educação sofreu.

De acordo com Claudio de Moura Castro (1994), nos idos das décadas de 1960 e 1970, ao se observar o desenvolvimento mundial, podia-se perceber uma relação entre os países que investiam em educação e aqueles que se desenvolviam mais rapidamente. Estes países buscavam investir em tecnologia para a educação: Estados Unidos, Inglaterra, França, Japão, Alemanha e os países escandinavos. Contudo, algumas notas dissonantes poderiam ser percebidas: tanto o Brasil quanto os países que sobreviviam com a exploração do petróleo apresentavam crescimento econômico, mas eram miseráveis em investimentos na área da educação. Desta forma, salienta-se que da década de 1960 até os dias atuais, os países que obtiveram mais sucesso nos investimentos da educação são aqueles que colheram os melhores frutos no campo do desenvolvimento econômico.

Por isso é preciso analisar os aspectos relativos ao cenário existente nas décadas de 60 e 70 do século XX para se compreender como o processo educacional foi influenciado por essas mudanças. De acordo com Souza (2008), o período entre as décadas de 60 e 70 pode ser considerado de significativas transformações no âmbito educacional, não somente em sua estrutura, mas também na sua concepção, na maneira como eram compreendidas as representações da cultura escolar.

Em meados de 1960 a educação era vislumbrada como um meio de mobilidade social. As pessoas que buscavam educação queriam além da formação, alguma coisa relacionada ao *status* que uma formação traria. Conseguir uma formação por meio do estudo era a possibilidade de ascensão social e econômica em uma sociedade com estrutura piramidal (em formato de pirâmide).

José Douglas Alves dos Santos *et al* (2012) destacam as questões relacionadas:

As instituições de ensino, desde cedo aprendem a “controlar nossos alunos”, produzindo uma cultura hierárquica que estabelece uma condição de silêncio aos sujeitos que integram o processo de Educação. Sua função, prioritariamente é preparar os alunos para que estes tenham as melhores pontuações em provas e concursos, para que a própria instituição também seja vista com respaldo pelo meio social. É preciso repensar essa lógica de Educação, reflexo da lógica de vida, difundida diariamente pelo capitalismo. No mundo capitalista, as pessoas assumem uma posição no ranking de produção. As fábricas, as escolas, a sociedade como um todo assume a tarefa de controlar e punir aqueles que não se adéquam às normas estabelecidas. Na luta pela sobrevivência, quem pouco produz e pouco consome, é excluído pelo sistema. (...) O processo de mercantilização da Educação, começado

com o economicismo da década de 1960, alterou profundamente a estrutura e a organização educacional brasileira. Esse processo percorreu gerações e instaurou-se em todos os governos que posteriormente assumiram o poder. Em virtude dessa inserção da política econômica mercantil no campo educacional, há décadas que o desenvolvimento social baseia-se numa forma ilustrativa de “desenvolvimento”, já que os únicos a contemplar os benefícios do mesmo são as grandes corporações e os governantes que incentivam e defendem esse ideal.

O período de 1960 foi caracterizado pelo pós-guerra de reconstrução e reestruturação social, com o fortalecimento dos blocos capitalistas e a delimitação de áreas definidas dos socialistas e capitalistas. Havia uma preocupação recorrente com que a social democracia fosse legitimada, já ameaçada no passado pelo fascismo e socialismo.

O Brasil vivia um período transitório para uma ordem competitiva. O ideário de democracia populista era enfatizado, com vistas a reduzir o poder oligárquico, recorrente fortalecimento da burguesia e oferecer às massas o direito de participar do processo eleitoral.

No ano de 1968 o Brasil viveu uma reforma universitária e com a lei de profissionalização do ensino médio em 1971. Essas duas inovações foram trazidas devido à constatação de que no país havia uma deficiência no que diz respeito à mão-de-obra qualificada frente ao desenvolvimento econômico que o Brasil vivenciava. Havia uma discrepância entre as necessidades do mercado de trabalho e a formação oferecida nas escolas. Percebeu-se que as universidades ofereciam formação inadequada para o processo de desenvolvimento e modernização que se apresentavam no mercado de trabalho. Passou-se à criação de racionalização das atividades universitárias, podendo ser citado como exemplo, a criação dos departamentos de crédito e do ciclo básico. Esse processo de racionalização conferiu maior eficiência e produtividade à análise dos aspectos econômicos da educação.

Na década de 1960 ocorreu a aceleração e diversificação da economia de substituição das importações, iniciado em 1930 e alavancado em 1945. De acordo com a Constituição de 1946 já fixava novas diretrizes educacionais que vislumbravam as mudanças econômicas e políticas. O final da Segunda Guerra impulsionou a necessidade de mudanças no sistema educacional. Foram travados diversos debates, e em 1961 foi aprovada a Lei 4.024 que trouxe novas diretrizes e bases para a educação. De acordo com Antônio José Araujo Lima; Ronaldo Silva Júnior (2013) afirmam que eram destacadas nessa lei as seguintes diretrizes:

Tanto o setor público como o setor privado têm o direito de ministrar o ensino em todos os níveis; Estado pode subvencionar a iniciativa particular no oferecimento de serviços educacionais; estrutura do ensino manteve a mesma organização anterior, ou seja: ensino pré-primário, composto de

escolas maternas e jardins de infância; ensino primário de quatro anos, com possibilidade de acréscimo de mais dois anos para programa de artes aplicado; Ensino médio, subdividido em dois ciclos: o ginásial, de quatro anos, e o colegial, de três anos. Ambos compreendiam o ensino secundário e o ensino técnico (industrial, agrícola, comercial e de formação de professores). Ensino superior; flexibilidade de organização curricular, o que não pressupõe um currículo fixo.

Ao final da década de 1960 o Brasil possuía os maiores índices de expansão de alfabetização graças à instalação de classes de ensino para adultos no ano de 1947. Após a alfabetização muitas dessas pessoas passaram a buscar cursos profissionalizantes ao nível primário. Pelo período de 13 anos aproximadamente 400 mil alunos frequentavam os cursos profissionalizantes ou pré-profissionalizantes a cada ano. Houve uma redução do índice de analfabetos de 50% da população brasileira para 33% ao final do ano de 1970.

Ocorreram mudanças importantes nessa época, com uma população na casa dos 100 milhões de pessoas, o crescimento sensível da população urbana que buscou alfabetização e especialização para desenvolvimento profissional. Nos períodos de 1920 a 1970 foi percebido um percentual e matrículas no ensino primário e de ensino médio superior ao percentual ao crescimento populacional.

Nas décadas de 1960 e 1970, boa parte da população marginalizada foi incorporada ao processo educacional. Especificamente na década de 1960 pode-se destacar a reformulação dos ensinamentos primário, secundário e superior, ampliação do fornecimento de material didático pelo governo e a utilização da TV educativa como meio de difusão de conhecimento foram algumas das mudanças percebidas na educação nesse período.

O ensino começou a ser direcionado para a formação profissional conforme as necessidades do mercado pelo desenvolvimento econômico do país, onde o tecnicismo passou a ser considerado na grade curricular das escolas, através de disciplinas técnicas que proporcionavam especialização aos alunos.

Elisângela Furlan (2014) apresenta informações sobre essa realidade, quando afirma que:

Com o regime militar, o país presenciou anos de exponencial crescimento econômico, embora alicerçado em medidas artificiais, como empréstimos e congelamento de salários, contando com programas políticos voltados ao desenvolvimento industrial e de infraestrutura. Buscando por formação adequada ao atendimento da demanda industrial, a Lei 5.692/71 propunha o ensino profissionalizante, como afirmado anteriormente. No entanto, a Lei não produziu resultado prático. O governo militar, buscando uma unidade nacional, fazia frente a uma sociedade reprimida e descontente, e propunha mudanças no cenário educacional, que não iriam surtir efeitos na economia e

no desenvolvimento industrial. Sendo assim, conquistou novos desafios em relação a sua atuação governamental.

No entanto, o período não foi só de conquistas. Alguns problemas foram vivenciados, destacando-se aqui a evasão e repetência que atingiram índices consideráveis. Como solução para este problema os governos dos Estados passaram a utilizar as normalistas⁷ como reforço escolar em turmas de recuperação, oferecendo benefício para ambos os lados: os alunos do supletivo contavam com apoio educacional e as normalistas adquiriam a prática educacional para desenvolverem seu trabalho docente.

Salienta-se que a década de 1960 é representada por ser um período de transformações no seio da educação brasileira, com a reformulação do sistema educacional de ensino. Destaca-se a maior reformulação do ensino superior, ocorrida em 1968, que devido à movimentação de professores e estudantes desde o início dos anos de 1960 em busca de novos rumos para a formação acadêmica nacional.

A educação profissional surgiu como um meio de articular os diversos níveis oferecidos, propondo a habilitação profissional dentro do próprio ensino médio ou em parceria com institutos especializados que oferecessem formação para o mercado de trabalho. Neste período ganhou forma outras modalidades, como educação especial e a educação do povo indígena, recebendo características específicas.

Carlos Benedito Martins (2006) abordou essas mudanças, dizendo:

Um conjunto de fatores tem contribuído para esse processo, tais como a valorização do conhecimento técnico e científico, como um dos ingredientes centrais das sociedades modernas, pressões por direitos sociais, aspirações de mobilidade social por meio do sistema educacional, por parte dos estudantes e de suas famílias, necessidade de aquisição de competências técnicas para enfrentar um mercado de trabalho cada vez mais instável e seletivo.

Com a reforma universitária realizada nesse período foi possível oferecer aos docentes profissionalização e especialização por meio das condições que eram propícias ao desenvolvimento de cursos de pós-graduação e de pesquisas científicas. Com uma procura de vagas cada vez maior, à partir de 1968 foram criadas novas oportunidades no setor privado de ensino, com a criação de inúmeras instituições de ensino superior, de modo que onde havia maior demanda foram criadas mais vagas. A educação passou a ser vista como um meio de

⁷ As normalistas eram utilizadas como meio de fortalecer a educação básica e de formalizar o trabalho das escolas de formação, chamadas de “Escolas Normais”.

abertura social. Como a sociedade brasileira estava em processo de democratização e industrialização foi possível perceber um sistema de estratificação mais suave. Nessa década também foram iniciados estudos sobre a educação e sua relação com o desenvolvimento econômico e social.

Com o surgimento do entendimento da expressão capital humano, justificou-se o investimento em educação profissional com vistas à produtividade, apresentando a educação como mercadoria, com uma taxa de retorno do mercado para os gastos com a educação.

Ver a educação dessa maneira causou uma repercussão na sociedade no que dizia respeito ao crescimento econômico e na perspectiva da melhoria de renda da população, por meio de qualificação profissional. Foi também um período onde a intervenção do Estado na economia foi marcante, a fim de reduzir os índices de subdesenvolvimento. Esteve presente uma industrialização progressiva e uma reestruturação da cadeia produtiva, por meio da modernização e da especialização da mão-de-obra, inserindo o país no mercado internacional.

Destaca-se, porém, que a política econômica com base desenvolvimentista que estava inserida na Reforma Universitária trouxe uma compreensão diferenciada das necessidades de racionalização da formação universitária, pois a modernização trazida pelo mercado de trabalho exigia uma sociedade mais aberta a uma legitimação do papel da educação no desenvolvimento e formação educacional.

Diversos autores consideram que à partir da década de 1960 houve um desmantelamento do sistema educacional, tratando a educação como um negócio e que precisava ser lucrativo. Um desses autores é Gaudêncio Frigotto (2010), que defende:

A educação no Brasil, particularmente nas décadas de 1960 e 1970, de prática social que se define pelo desenvolvimento de conhecimentos, habilidades, atitudes, concepções de valores articulados às necessidades e interesses das diferentes classes e grupos sociais, foi reduzida, pelo economicismo, a mero fator de produção – “capital humano”. Asceticamente abstraída das relações de poder, passa a definir-se como uma técnica de preparar recursos humanos para o processo de produção. Essa concepção de educação como “fator econômico” vai constituir-se numa espécie de fetiche, um poder em si que, uma vez adquirido independentemente das relações de força e de classe, é capaz de operar o “milagre” da equalização social, econômica e política entre indivíduos, grupos, classes e nações.

Na década de 1970 ocorreu uma produção em massa de pesquisas na área educacional mas com caráter qualitativo (embasado em dados de pesquisas sobre o desenvolvimento da educação no país), pois eram consideradas como fundamentais para o período. Esse tipo de pesquisa era orientado para a formação do mercado de trabalho, e por isso, diversos

pesquisadores a consideraram escassa e incipiente. No ano de 1971, de acordo com Demerval Saviani (2008) com vistas a atender a necessidade de formação de mão-de-obra qualificada, ocorreu a reforma do ensino a nível de 1º e 2º graus. Essa reforma veio através da lei 5.692/71. A partir de então, a educação também passou a sofrer com cortes orçamentários.

Furlan (2014) considera que:

A educação voltada aos trabalhadores objetivava a formação de mão-de-obra para ocupar inúmeros postos de trabalho. Portanto, era condição necessária ao atendimento do mercado a formação de um exército de reserva com um mínimo de formação profissional. O ensino pautado em perspectivas de formação para o trabalho, potencializando a economia do país, não apresentava nenhuma linha de formação crítica. Aos alunos caberia realizar atividades voltadas à formação para a atuação, e não de desenvolvimento das habilidades individuais mais amplas e diversificadas, formando assim uma grande massa manipulada pelas ordens políticas e econômicas. Apesar do proposto, de abordagem profissionalizante, o próprio regime não ofereceu condições para que esta formação profissional fosse minimamente de qualidade e com a extensão esperada pelos industriais. Neste contexto, a educação estava mais a serviço do ideário político-militar do que o de responder a contento as demandas do mercado.

Já no final da década de 1970 o que se percebe é que há uma preocupação com as questões sociais, onde fica estabelecida uma atenção maior às classes sociais mais baixas e a importância do acesso delas ao ensino. Contrário a isso, a acumulação de capital.

No final da década de 1970 e início de 1981, a educação assume uma postura de preocupação com as questões sociais, estabelecendo maior atenção às classes populares com pouco acesso ao ensino. Nessa época, o país ainda sofreu as consequências da censura, instaurada a partir da instituição da Ditadura Militar de 1964. Na contramão da ideologia política de acúmulo do capital para a classe elitista, muitos movimentos estudantis e sociais ganharam força e destaque na tentativa de mudar o quadro hegemônico, em busca do retorno à democracia. (GATTI, 2001).

O final da década de 1970 e início dos anos 80, foi o período em que ocorreram manifestações estudantis em defesa da democracia política brasileira. No campo educacional, como apontaram Márcia Elisa Rigotto e Nali de Jesus de Souza (2005), são salientados o avanço desordenado do ensino superior e o conseqüente desmantelamento das universidades públicas e incentivo para a privatização do ensino superior. “O número das instituições públicas de ensino superior estagnou entre 1970 e 2004, enquanto o número de instituições privadas cresceu 314% nesses 34 anos.” (RIGOTTO; SOUZA, 2005, p. 346).

Carvalho, Saviani; Vidal (2001), indicam outros marcos importantes dessa década, como a fundação da ANPEd (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação), em 1977; do CEDES (Centro de Estudos Educação e Sociedade), em 1978; e da ANDE (Associação Nacional de Educação), em 1979, sendo esta considerada uma época de grande mobilização no que diz respeito ao campo educacional. (CARVALHO; SAVIANI; VIDAL, 2001).

2. A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE CARATINGA E A CONTRIBUIÇÃO DA E.E. JOSÉ AUGUSTO FERREIRA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL

Este capítulo aborda a história do município de Caratinga, desde a sua fundação, emancipação dos distritos e a história da E.E. José Augusto Ferreira, que durante décadas foi a escola referência na região.

Com base na análise da história da escola, se passa a discorrer sobre a representação que a mencionada instituição de ensino trouxe de contribuição para a sociedade local nas décadas de 1960 e 1970.

2.1 História de Caratinga

O estabelecimento dos colonizadores nesta região se deu em grande parte às condições aqui encontradas, como a bacia hidrográfica, por exemplo. Lazaro Denizart do Val (1978) destaca que:

Caratinga, como a maioria das cidades desta região, esteve fortemente ligada ao rio no início de seu povoamento, mais tarde à ferrovia e finalmente à rodovia. Seu povoamento deu-se somente na segunda metade do século XIX. Isto porque, para afastar a cobiça dos estrangeiros e controlar o transporte do ouro evitando o contrabando, vários decretos reais proibiam a subida do Rio Doce à procura de novas minas. O motivo era a proximidade da Capitania do Espírito Santo da região das minas, que a tornava assim, um caminho ideal para o contrabando. Alia-se a isto a presença de índios ferozes na região, o que fortalecia ainda mais o isolamento desta área, fazendo com que durante muito tempo o médio Rio Doce ficasse alheio a qualquer povoamento efetivo.

No entanto, vale ressaltar que os colonizadores iniciaram sua marcha na região com vista à nascente do rio Caratinga. Segundo Val (1978), no ano de 1841, Domingos Fernandes de Lana partiu das proximidades de onde é o município de Abre Campo em direção à nascente do rio Caratinga, prosseguindo até o local onde fica situada a cidade de Caratinga, instigado pelo preço da poaia⁸.

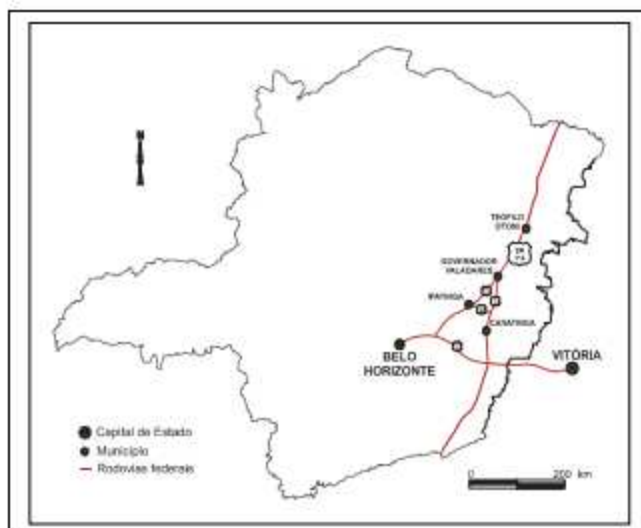
⁸ Poaia, de nome científico *Cephaelis ipecacuanha* é uma planta originária das Américas. Ela é conhecida no Brasil pelas denominações de: ipecacuanha e ipeca. Foi largamente utilizada na medicina popular desde o século

Ainda conforme Val (1978), o surgimento do município e sua caracterização:

O Município de Caratinga está inserido na região leste de Minas Gerais. É cortada pela Rodovia BR-116 (Rio-Bahia), no sentido norte-sul, pertencente à região de planejamento chamada de Rio Doce, onde ocupa uma área de cerca de 1.258,69 km². Seu povoamento aconteceu somente na segunda metade do século XIX. Isto porque para afastar a cobiça dos estrangeiros e controlar o transporte do ouro evitando o contrabando, vários decretos reais proibiam a subida do Rio Doce à procura de novas minas. Em 1841, teve início o povoamento do Município, com a chegada dos primeiros colonos. Em junho de 1848, Caratinga foi elevada à categoria de Paróquia e Conselho Distrital, subordinados à Câmara de Mariana até 1860

De acordo com José Aylton de Mattos (2006), pode-se visualizar a localização do município de Caratinga na figura 2:

Figura 1 – Localização do município de Caratinga



Fonte: Mattos (2006)

Vale ressaltar que Lana e seus companheiros encontraram na região uma enorme quantidade de cará branco ou Caratinga⁹ (por isso a denominação da cidade). O fundador da cidade de Caratinga foi João Caetano do Nascimento, que mantinha laços com Lana, o qual lhe forneceu informações a respeito do local. Aqui estabelecidos, os conquistadores de nosso município continuaram a explorar a região, prosseguindo até onde é o atual Distrito de Sapucaia, estendendo-se ao ribeirão do Galho. Cultivavam árvores frutíferas, moinho,

XVII, mas já era muito popular entre os índios tupis guaranis e jesuítas para alívio de tosses.

⁹ Caratinga" é um termo de origem tupi que significa "cará branco", através da junção dos termos Cará + tinga.

engenho pastos e casas de vivenda¹⁰.

Em 1867 foi celebrada a primeira missa pelo sacerdote Pe. Maximiano. Nesta época a capela situada próximo ao que hoje corresponde ao Distrito de Sapucaia, era o único sinal de civilização a uma terra que ainda parecia segregada e inóspita.

Segundo Val (1978) conforme era loteada e vendida, a área onde estavam delimitados os limites do município foi sendo ocupada cada vez mais por propriedades rurais. Com a construção de estradas de ferro vindas do norte, muitos lavradores começam a interessar-se ainda mais pela região.

De acordo com Maria Izabel Araújo Faiçal Ribeiro (2008):

Reza a tradição que o descobridor de nossa terra, João Caetano do Nascimento, acompanhado por João José da Silva e de João Antônio de Oliveira, aqui chegou no dia 24 de junho de 1848, dia consagrado pela Igreja Católica a São João Batista. Os três fundadores do povoado e toda a gente que traziam “festejaram isso com uma grande fogueira e, nesse mesmo dia, ofereceram uma posse para patrimônio desse Santo, que é a atual cidade”. No que diz respeito aos primeiros posseiros das novas terras — denominadas, em seu conjunto, Serra do Caratinga ou Águas do Cuieté —, a história nos notifica de que um de seus pioneiros aqui chegou em 1861, tendo conseguido construir, nos terrenos que adquiriu, duas fazendas, localizadas ambas à margem esquerda do Ribeirão da Barreira. Uma delas, a Fazenda de São Roque, corresponde às terras onde se formou o Arraial do Caratinga; outra, a Fazenda da Barreira, à nossa Praça Cesário Alvim, conhecida, anteriormente, como Largo da Barreira. Com a venda sucessiva de partes das duas fazendas, foi-se fragmentando o núcleo inicial de Caratinga, ao mesmo tempo em que se ia tornando cada vez mais povoado, sobretudo a partir do ano de 1860. Daí a mudança do seu antigo nome, “Serra do Caratinga”, para “Povoação de São Roque de Caratinga”.

Por volta do ano de 1880, onde a população do ribeirão Caratinga já havia aumentado bastante, organizou-se um movimento para a construção de uma nova matriz para o povoado. Para tal foi organizada uma mesa deliberadora, composta por Antônio Gonçalves de Carvalho, Sebastião Florentino da Costa e Francisco Ciríaco de Carvalho. Esta foi a matriz do município até o ano de 1930, quando foi derrubada e construída a Catedral de São João Batista, hoje ponto turístico do município. Em 1890, através de recenseamento foi acusado que em nosso município constava uma população de 26.405 habitantes.

Com a mudança de regime, da monarquia para a República, cresceu a esperança dos caratinguenses da época de que o município fosse criado. E assim o fez Cesário Alvim, responsável pelo Estado de Minas Gerais. Em 06 de fevereiro de 1890 foi criado o município

¹⁰ Estilo de residências da elite escravocrata mineira do século XIX.

de Caratinga, com superfície de 10.572 km² e uma população de 25.000 habitantes. Em 03 de novembro de 1891 foi criada a Comarca de Caratinga. Pela lei nº 23, de 24 de maio de 1892, a Vila de Caratinga foi elevada à cidade. Na época a cidade possuía 2km a sul e 1km a norte, com 10 ruas, 4 praças e um distrito eleitoral de 470 eleitores (vale lembrar que negros, mulheres e crianças nesta época ainda não votavam). A cultura já era o café.

Mattos (2006), afirmou que o delineamento da atividade econômica no município no início de sua fundação:

Economicamente, na sua fase inicial, a cidade viveu do extrativismo vegetal. Em meados do século XX sua economia gravitou em torno da produção de cereais, principalmente milho e feijão. Distinguiu-se na produção de café, hoje uma grande fonte de riqueza do município, somada à atividade comercial e produção industrial.

Ribeiro (2008) cita o texto do Jornal “O Povo”, do ano de 1912, onde se encontra descrita a mudança na região no período após a elevação do Brasil a República:

Com o nascimento do Regime Republicano no nosso País, o povo de Caratinga, como em todo o povo brasileiro, despertou do sono calmo, porém lento, haurido no sistema administrativo do segundo Império; e, com a queda d’ este, em 1889, a administração pública, a política e todos os ramos da atividade nacional tomaram um caracter de decidida expansão. Uma vida nova surgiu diante dos olhos do povo, de modo que os homens de noção mais esclarecida, aproveitando o evoluir do progresso que se manifestava no País, puseram-seá frente das novas instituições, que abraçaram festivamente.” (O Povo, n. 23, 3 nov. 1912). (sic).

Nesta época já havia disputa política entre os moradores locais, que se dividiam entre liberais e conservadores. Até mesmo os clérigos locais se envolviam na disputa política, optando sempre por um dos lados.

Ainda de acordo Ribeiro (2008), sobre o desenvolvimento da cidade de 1892 a 1904, pode-se dizer que:

No desenrolar de sua troca de desaforos e ultrajes, o primeiro período da história política da cidade — 1892 a 1904 — pode ser dividido em quatro triênios distintos, demarcados de acordo com o resultado das eleições, que determinava a mudança, ou não, da edilidade e, por conseguinte, do domínio de um dos dois Partidos em rixa. Assim, para o primeiro triênio — de 1892 a 1894 — foram eleitos, em 31 de janeiro de 1892, os primeiros administradores da cidade, dentre os quais, o Presidente da Câmara, Coronel Simphronio Fernandes, uma das figuras de grande prestígio e popularidade do Partido “Conservador” (“Caranguejos”). Evidentemente, essa escolha não foi aceita com tranquilidade pela ala inimiga, do Partido “Liberal”

(“Bacuraus”), que via em outro coronel, José dos Santos Mestre, o homem mais indicado para ocupar esse cargo. A escolha do primeiro incomodou de tal modo a Oposição, que, mesmo com o passar dos anos, ela continuava sendo comentada e lamentada em artigos dos jornais que a representavam.

Depois de anos de muita luta entre os partidos, estes resolveram selar a paz para lutarem pelo desenvolvimento do município, que se encontrava sem muitos meios de escoar a produção da região, já que as estradas eram ruins e não havia interesse do governo estadual ou federal em promover melhorias na região.

De acordo com Val (1978), em dois de janeiro de 1905 assumiu o novo governo no município e encontrava a seguinte situação: população de cerca de 80 mil habitantes, extensão de aproximadamente 40 léguas (de norte a sul) e a receita municipal chegava próximo aos 30 contos de réis. Pouco esperava-se do poder público Estadual, e o município continuava com suas necessidades vitais sem solução. Os problemas com a comunicação e o escoamento da produção continuavam e se agravavam à medida que o tempo passava.

Na figura 2 é possível analisar uma visão panorâmica do início do século XX, onde é atualmente a área central do município:

Figura 2 – Visão panorâmica área central de Caratinga no século XX



Fonte: Sena Filho (2006)

Mas em 1906 foi inaugurada a estação de Colatina, nas proximidades da divisa do município de Caratinga, o que poderia facilitar o transporte da produção agrícola do município para outros locais. Com a implantação da ferrovia na região, foi aumentando a população, fluxo econômico e civilizatório.

Em junho de 1906 o município já contava com 90 mil habitantes e doze distritos. Em 1915 Caratinga perdeu o distrito de Resplendor (que foi incorporado ao município de Aimorés) e os distritos de São Francisco do Vermelho e do Galho, que foram incorporados a Bom Jesus. Mesmo assim Caratinga ainda contava com 100 mil habitantes, e mesmo sendo tão grande ainda continuava à margem do governo estadual e federal. Neste mesmo ano foi criado o bispado de Caratinga, por ordem do papa Bento XV.

Nelson Sena Filho (2006) aborda a questão do desenvolvimento na região, quando diz:

Como em quase toda cidade da região, o passo seguinte no povoamento da cidade deu-se com o advento da ferrovia. Em 1886, ocorre a inauguração da estação de ferro Leopoldina em Muriaé, e nesse mesmo ano e no seguinte, as de Ponte Nova e Carangola respectivamente, permitindo um maior fluxo de gente e comércio nas partes mais centrais da Zona da Mata, em direção ao *hinterland* caratinguense. A construção da estrada de ferro no município, era, juntamente com a emancipação municipal, as duas maiores datas da história local... sendo que em dezembro de 1930 inaugurava-se a estrada de ferro em nosso meio.

No ano de 1917, pela lei 4.874 foi restaurada a Comarca de Caratinga, a qual foi solenemente instalada em 02 de dezembro daquele ano. O censo de 1920 revela que o município conta com 137.017 habitantes, uma superfície de 9.993 km², ou seja, 17,51 habitantes por km².

Até o ano de 1930 o município amargou para conseguir crescer, e o pouco que conseguiu se devia ao esforço de sua gente. Mas com a revolução de 30 houve uma mudança considerável na postura dos governos em relação a Caratinga. Prova disso é que neste mesmo ano foi inaugurada a estrada de ferro no município. Com a estrada de ferro veio uma melhora substancial no progresso da cidade.

Em 1933 houve a construção da rede de água e de esgoto e a construção do jardim das palmeiras, na praça Cesário Alvim, que hoje é um dos símbolos do município.

Mattos (2006) apresenta os fatos referentes à instalação do Estado Novo, em meados de 1937:

Quando foi instalado o Estado Novo em 1937, um dos primeiros atos assumidos pelo agora dono do poder político nacional, Getúlio Vargas, foi o de afastar do comando dos Estados os Governadores eleitos, para no lugar deles nomear interventores que, por sua vez, indicaram os prefeitos dos municípios. Na ausência de um partido, Getúlio era o chefe político que simbolizava o poder do Estado e a nacionalidade. Era o chefe do Estado e da Nação. A intervenção de Vargas no município de Caratinga é notada quando ele desaloja do poder executivo municipal o prefeito eleito, Sr. Omar Coutinho, que de agosto de 1935 à maio de 1941, esteve à frente do governo municipal, nomeando para o seu lugar o Dr. José Celso Valadares Pinto, sobrinho do interventor mineiro, Benedito Valadares.

Em 1942 houve o calçamento da cidade com paralelepípedos. Em 1944 se deu a construção do Palácio Episcopal. No governo de Getúlio Vargas o município foi agraciado com a construção da rodovia Rio-Bahia, o que deu enorme impulso à economia da região.

Atualmente o município de Caratinga está inserido na região VIII denominada Rio Doce e na microrregião homogênea da Mata de Caratinga, na porção leste mineira.

O município de Caratinga é cortado pela Rodovia BR-116 (Rio-Bahia) no sentido Norte-Sul, por rodovias estaduais: Caratinga - Bom Jesus do Galho, Caratinga – Entre Folhas – Vargem Alegre, a rodovia federal Caratinga – Ipanema (parcialmente asfaltada) e estradas vicinais municipais, que oferecem condições de trânsito para todas as vilas e povoados do município.

Com a emancipação de vários distritos¹¹, a área do município que até 1992 era de 2.204 Km² passou para 1.655 Km² e mais recentemente, em 01-01-1997, para 1.258,69 Km² com a emancipação de mais de 3 distritos: Imbé de Minas, Vargem Alegre e Piedade de Caratinga.

Atualmente o município está dividido em 11 distritos:

- Cordeiro de Minas;
- Dom Modesto;
- Dom Lara;
- Santa Efigênia de Caratinga;
- São Cândido;
- Santa Luzia de Caratinga;
- Santo Antônio do Manhuaçu;

- Patrocínio de Caratinga;
- Sapucaia e
- São João do Jacutinga.

No Brasil, as características de formação das cidades que conhecemos hoje começaram a aparecer somente no século XIX. É nesta mesma época que se deu à instalação das primeiras ferrovias e dos telégrafos, que repercutiram muito no processo de urbanização do país.

Mas foi apenas na década de 70 que Caratinga, assim como inúmeros outros municípios, começou a receber incentivos para o seu desenvolvimento urbano. A ideia do governo vigente era incrementar o desenvolvimento de algumas cidades com intuito de tornarem-se referência regional e desta forma absorverem mão-de-obra proveniente das altas taxas de migração.

Neste período, os incentivos para a área rural estavam quase interrompidos, em resposta, houve um *boom* no êxodo rural, com destino às grandes cidades. O inchaço populacional nas metrópoles brasileiras, provocaram – e ainda provocam – consequências desastrosas no cenário urbano: subempregos, violência, moradias inadequadas, doenças, dentre outros. Equipando algumas cidades, como Caratinga, por exemplo, absorveriam boa parte desta população em trânsito e com esperança de uma vida melhor.

A partir desta década, observa-se um ritmo mais acelerado de crescimento urbano em Caratinga. Este fenômeno promoveu uma tendência de adensamento e verticalização no centro da cidade, assim como o aumento da área urbana.

Sena Filho (2006) destaca:

A cidade de Caratinga, como vimos, localiza-se predominantemente, em um relevo marcado pela presença de colinas convexas, onde as declividades acentuadas ocupam grande porção do território. Nas partes menos acidentadas, notadamente na planície fluvial do rio Caratinga e nos terraços menos acidentados, parte considerável do tecido urbano se instalou e daí se expandiu.

Nas últimas duas décadas, além da significativa contribuição da produção cafeeira para a economia local, ainda conta-se com a expansão dos cursos de graduação na cidade, onde são atraídos estudantes de outros municípios e até de outros estados, que vem se especializar em uma das muitas áreas disponíveis, tanto nas modalidades presenciais quanto nos cursos à distância.

¹¹ - Entre Folhas, Ipaba, Santa Bárbara do Leste, Santa Rita de Minas e Ubaporanga.

2.2 A Escola Estadual José Augusto Ferreira – E.E.J.A.F.: sua história e contribuição educacional para o Município de Caratinga

A Escola Estadual José Augusto Ferreira – E.E.J.A.F. fica localizada no município de Caratinga, à Rua Deputado José Augusto Ferreira Filho, bairro Dário Grossi, região central do município. De acordo com o Senso Escolar do ano de 2017 a E.E.J.A.F. possuía 841 alunos matriculados nos dois períodos (matutino e vespertino), sendo 368 alunos no Ensino Fundamental II e 473 alunos no Ensino Médio.

Em sua estrutura a E.E.J.A.F. conta com uma biblioteca, uma quadra de esportes coberta e outra descoberta, um laboratório de ciências, um laboratório de informática, um anfiteatro e internet banda larga de 5 gigas. É possível ver a fachada atual da escola na figura 3:

Figura 3 – Frente da E.E.J.A.F. (ano do cinquentenário – 2010)



Fonte: Acervo da escola E.E.J.A.F.

A sua inauguração se deu na década de 1960. Neste período, havia no município de Caratinga poucos grupos escolares: Princesa Isabel (grupo escolar mais antigo do município), Sinfrônio Fernandes e Dom Carloto. Ainda existia, pelo comando da Professora Isabel Vieira,

o Instituto Nossa Senhora Auxiliadora.

Em ensino médio e técnico, encontrava-se o Colégio Caratinga, dirigido pelo professor Athos Vieira de Andrade, o Colégio e Escola Normal Nossa Senhora do Carmo, tendo como mantenedora a Irmandade Carmelita, espaço atualmente ocupado pelo Campus I do Centro Universitário de Caratinga; e o Ginásio e Escola Técnica de Comércio Nossa Senhora das Graças, dirigido pelo Professor Armando Alves da Silva.

Conforme o município de Caratinga e região foram se desenvolvendo, surgiu a necessidade de mais vagas na educação pública para ensino médio. Com isto foi viabilizada a construção do Colégio Estadual.

Em 26 de janeiro de 1959 o Ginásio Nossa Senhora das Graças, por intermédio de seu representante professor Armando Alves da Silva, realizou a doação do terreno ao Estado de Minas Gerais para a construção do Colégio Estadual, o primeiro de ensino médio e público do município.

Sua área inicial era de 42.262 m², sendo utilizado inicialmente somente a área de 3.632,72 m² para sua infraestrutura, contado com 15 salas de aula, dois banheiros (masculino e feminino), dois laboratórios, uma quadra para prática esportiva, uma sala de diretoria, uma sala de professores, uma biblioteca, uma secretaria, uma cantina e uma arquibancada.

Figura 4 – Foto da Construção da E.E.J.A.F.



Fonte: Acervo da EEJAF (1958).

A primeira denominação dada à instituição foi de Colégio Estadual de Caratinga, sendo chamado pela população de Colégio Caratinga. Sua criação se deu pelo Decreto nº 5.888 de 19 de setembro de 1960, com sua conseqüente inauguração em 10 de abril de 1961, já funcionando em prédio próprio.

Em 14 de junho do ano de 1967, por meio da Lei nº4.496/67, passou a adotar a denominação de Colégio Estadual José Augusto Ferreira, em homenagem ao Deputado José Augusto Ferreira. Por fim, em 08 de maio de 1975 o nome foi alterado para Escola Estadual José Augusto Ferreira de 1º e 2º graus.

No que diz respeito ao terreno da E.E.J.A.F., sua área possui uma colina e grande área de vegetação que vem sendo reduzida ao longo do tempo devido a invasão e desmatamento.

Vale ressaltar que a área atual do terreno da E.E.J.A.F. não corresponde mais à mesma medida da época de sua fundação. Uma parte superior foi invadida por um movimento dos sem teto no ano de 2003, e alguns anos após recebeu regularização por parte do governo estadual, representado na época por Aécio Neves.

Na parte inferior da edificação está o prédio principal, com as dependências administrativas (diretoria, secretaria e sala dos professores), grande parte das salas de aula, biblioteca, os laboratórios (ciências e informática), sala de audiovisual, almoxarifado para materiais de Educação Física, Sala de Programa de Educação Afetivo-Sexual – PEAS, e o anfiteatro, recentemente reformado.

A figura 5 apresenta uma visão panorâmica das quadras de esportes da época de sua construção:

Figura 5 – Construção das Quadras de Esporte



Fonte: Acervo da E.E.J.A.F. (1961).

O primeiro diretor da E.E.J.A.F., no ano de 1961 foi Otávio Dias de Souza, Diretor Padrão I-65. Existiam em funcionamento 3 turmas do científico, atualmente chamado de Ensino Médio, sendo uma turma para cada ano. No mesmo ano foi iniciado o curso ginásial (ensino fundamental II), com a 5ª série (hoje 6º ano) composta por 35 alunos, destacando-se Ângela Ferreira Fernandes, que atualmente atende pelo nome de Ângela Fernandes Lage, que além de aluna, foi Auxiliar de Secretaria, Vice-Diretora e Diretora da E.E.J.A.F.

Na figura 6 pode-se observar a Ex-Diretora da E.E.J.A.F. Ângela Fernandes Lage recebendo seu certificado de conclusão ginásial das mãos do Diretor Otávio Dias de Souza, no ano de 1964:

Figura 6 – Ângela Fernandes Lage recebendo certificado de conclusão ginásial na E.E.J.A.F. das mãos do Diretor Otávio Dias no ano de 1964.



Fonte: Acervo da EEJAF, foto de 1964.

Outra personalidade que merece destaque foi aluno e se tornou professor notadamente reconhecido pelos alunos por muitos anos até sua aposentadoria foi o professor José Ferreira da Silva, conhecido como “Professor Ferreirinha”.

Ferreirinha iniciou seus estudos na E.E.J.A.F. no ano de 1962, onde concluiu o ginásial e científico, pois a escola já era considerada como referência para toda a região de Caratinga, mas recebia alunos até mesmo de cidades maiores como Belo Horizonte. No ano de 1970,

Ferreirinha retornou à E.E.J.A.F. como professor de geografia, pois estava concluindo seu curso superior na FAFIC. Exerceu seu cargo de professor até o ano de 2006, quando se aposentou. Na figura 7, pode-se visualizar a turma ginásial da qual pertenceu o professor Ferreirinha:

Figura 7 – Turma Ginásial da E.E.J.A.F. do ano de 1962 (Professor Ferreirinha de terno claro).



Fonte: Acervo da E.E.J.A.F., foto de 1962.

Mesmo depois de sua aposentadoria, o professor Ferreirinha confiou a educação dos seus filhos à E.E.J.A.F., que teve papel preponderante em sua formação e vida profissional.

As décadas de 1960 e 1970 foram tempos áureos para a E.E.J.A.F., pois foi um período de expansão e reformas dentro da instituição. No ano de 1968, por meio de um movimento estudantil, foi enviada uma carta ao governo solicitando a construção de um espaço para a apresentação de peças teatrais de obras literárias conhecidas no meio nacional da época.

Peças teatrais adaptadas de livros de autores nacionais renomados, títulos como “O Auto da Compadecida” e “O Pagador de Promessas” foram encenadas no espaço recém construído, o anfiteatro da E.E.J.A.F.

A figura 8 apresenta uma cena da peça “O Pagador de Promessas”, representada por alunos do ensino médio, no ano de 1970:

Figura 8 – Alunos do Ensino Médio representando a peça teatral “O Pagador de Promessas” no ano de 1970.



Fonte: Acervo da E.E.J.A.F.

O anfiteatro ofereceu aos alunos uma nova perspectiva cultural, trazendo à comunidade escolar e sociedade caratinguense os recursos necessários para que novos eventos pudessem ser realizados com conforto e estrutura, tanto para os realizadores quanto para o público.

No ano de 1973 foram construídas 04 salas no patamar superior, juntamente com rampa e escada de acesso para o ambiente. Na década de 1980 essas salas ficaram por muito tempo fechadas pois não eram necessárias, mas com o aumento do público a ser atendido pela escola nos anos 1990, esse espaço passou por uma reforma e começaram a ser utilizadas novamente.

Nos anos de 1960 a 1990 faziam parte do currículo dos alunos conteúdos como: Educação Moral e Cívica (E.M.C) e Organização Social e Política Brasileira (O.S.P.B), que destacavam as prerrogativas ligadas ao patriotismo, consciência cidadã, moral e ética na vida em sociedade.

Havia campanhas literárias, onde os alunos eram incentivados a doarem livros à biblioteca, a frequentar o ambiente e à leitura de livros diversos, bem como apresentações no anfiteatro, grêmios literários e musicais, além do hasteamento semanal da bandeira e se entoava o hino nacional com todas as turmas.

Na figura 9 pode-se ver alguns professores da E.E.J.A.F. dos anos 1960-1970, da esquerda para a direita: Rômulo Arantes, Jairo Grossi, Aristides Fernandes e José Aylton de Mattos, em palestra no anfiteatro da E.E.J.A.F. pelo professor Moisés Galdino, de Belo Horizonte.

Figura 9 – Professores da E.E.J.A.F. nos anos 1960-1970.



Fonte: Acervo da EEJAF (1968).

Com relação aos diretores da E.E.J.A.F., alguns nomes de destaque no cenário educacional de Caratinga passaram pelo cargo de gestor da escola. Um dos primeiros e que mais tempo ocupou o cargo de Diretor foi o Professor Armando Alves da Silva.

Outras figuras importantes que ocuparam a direção da E.E.J.A.F., em ordem cronológica, foram: Otávio dos Santos, Aluísio Muniz, Moacir Cortes Pires, Adair Quintela Soares, Ilza Dias de Souza, Maria Bajane Araújo Neri, Ângela Fernandes Lage, Amir Rezende Sales, Dilza Quintela, Lígia Maria dos Reis Matos, Clóvis Olívio de Freitas e Rita de Cássia Gomes.

A figura 10 mostra os ex-diretores da E.E.J.A.F. em ordem cronológica:

Figura 10 – Ex-Diretores da E.E.J.A.F. em ordem cronológica



Fonte: Acervo da E.E.J.A.F.

A ocupação do cargo de diretor era inicialmente por meio de indicação política. A partir da posse da Diretora Lígia de Matos já havia a obrigatoriedade de qualificação, prestar exame e de acordo com a qualificação obtida, concorrer à eleição. Para escolha do diretor, deveriam votar os alunos acima de 14 anos e os pais de alunos.

A Ex-diretora Elisabeth Xavier de Lima Ferreira ocupou o cargo até julho de 2019 quando se aposentou, sua primeira gestão foi 2004 a 2008. A mesma já foi professora da escola na disciplina de História por longos anos e já foi eleita como diretora por mais de um pleito.

A Ex-diretora Elisabeth Xavier de Lima Ferreira aparece na figura 11 ocupando sua mesa de trabalho:

Figura 11 – Ex-diretora da E.E.J.A.F. Elisabeth Xavier de Lima Ferreira.



Fonte: Acervo da E.E.J.A.F. (2016).

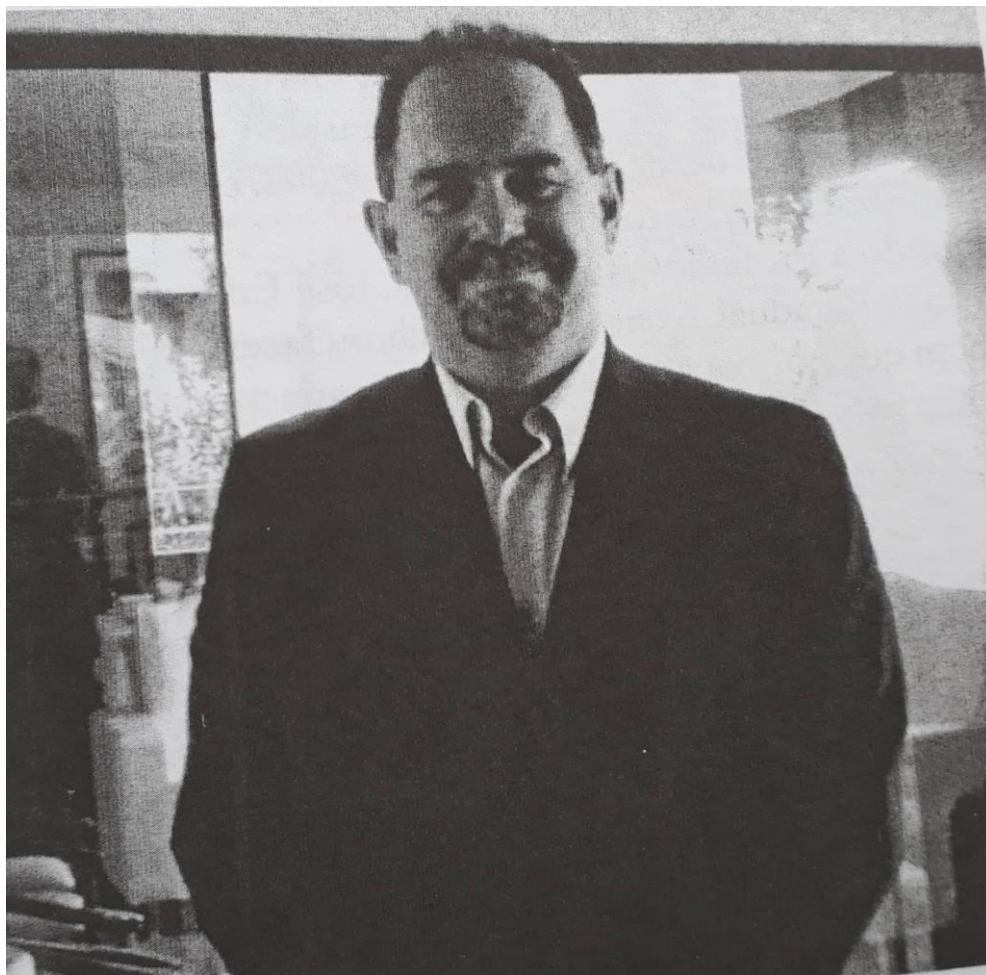
Alguns alunos se destacaram ao longo do tempo. Cita-se o exemplo de Jefferson Penna de Oliveira, aluno da turma pioneira de 1961, que compreendia a importância do civilismo da época, buscou participar ativamente de movimentos de patriotismo, sendo ativo no trabalho desenvolvido pelo Centro de Estudantes de Caratinga – CEC, chegando à presidência da instituição.

Jairo da Silva Araújo: também aluno da turma pioneira, ingressou no curso de Medicina da UFMG no ano de 1966. Participante ativo nos campeonatos e olimpíadas estudantis, ganhou troféus em futebol de salão, representando o colégio. Ele atuou como médico pediatra em Caratinga há muitos anos.

Luís Bomfim Pereira da Cunha: médico anesthesiologista, membro da Sociedade Brasileira de Anesthesiologia, atuando também como conferencista dentro e fora do país dentro da área de estudo “Hipertemia Maligna”. Ainda dedica-se a artes, mais especificamente ao canto lírico, realizando apresentações nos EUA e Europa.

Na década de 1970 destacou-se José Eduardo de Barros Dutra. Formado em Geologia. Exerceu o cargo de Senador no período de 1995 a 2003 pelo Partido dos Trabalhadores (PT), eleito pelo Estado de Sergipe. Sua participação na CPI do Judiciário e da Mineração no ano de 1999 trouxe seu nome ao cenário nacional. Em 2004 ele foi nomeado presidente da Petrobrás. Seu falecimento foi em 04 de outubro de 2015, na cidade de Belo Horizonte, aos 58 anos de idade.

Figura 12–José Eduardo de Barros Dutra



Fonte: Acervo da EEJAF. (Belo Horizonte, 2010).

A E.E.J.A.F. também se destacou na área esportiva, nos jogos olímpicos estudantis e jogos estaduais, trazendo para o acervo da escola diversos troféus de voleibol, futebol e handebol.

As gincanas e grêmios estudantis, realizados no pátio da escola e no anfiteatro também marcaram época, bem como as festas juninas tradicionais da escola.

Presente até os dias atuais, a bateria da E.E.J.A.F. é tradicionalmente conhecida nos desfiles cívicos, de 24 de junho (aniversário da cidade) e 7 de setembro (proclamação da Independência).

A bateria da escola foi organizada em 1961 por Abner Barbosa, inspetor de alunos. Já na década de 1980 o responsável pela bateria foi o professor Geraldo Elísio, educador físico da escola. Com a saída de Geraldo Elísio a bateria ficou sem comandante, acarretando sua parada. Com a eleição da Diretora Rita de Cássia Gomes, na segunda metade da década de 1990, a bateria foi reorganizada e permanece até os dias atuais, contando com a participação de alunos e ex-alunos.

Em 2010, a E.E.J.A.F. comemorou seu cinquentenário, com eventos diversos e a publicação de um livro contando a história da escola, desde sua fundação até o ano de 2010. Este livro, chamado de “A escola conta sua história” foi idealizado e elaborado pelos alunos do terceiro ano do ensino médio em conjunto com a diretora Elizabeth Xavier de Lima Ferreira, as professoras Graça Alvim e Nilcéia Genelhú e o professor José Aylton de Matos. As informações que constam deste capítulo foram adaptadas deste livro.

3. CONTRIBUIÇÃO DA E.E.J.A.F. PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIOCULTURAL DA CIDADE DE CARATINGA-MG

Conforme referido nos procedimentos metodológicos, esta pesquisa teve como objetivo compreender a maneira pela qual a qualidade da educação oferecida pela E. E. J. F. nas décadas de 1960 e 1970 foi determinante para o sucesso dos alunos.

Para isso, foram reunidos 30 depoimentos, sendo que dos sujeitos entrevistados 20 eram ex-alunos e 10 eram ex-professores. As entrevistas foram gravadas no período de 12/03/19 à 30/06/19 e posteriormente transcritas. Procedeu-se à análise dos depoimentos no período de 01/07/19 a 31/07/19.

As entrevistas foram divididas em dois roteiros, sendo o primeiro de ex-alunos e o segundo de ex-professores. Os depoentes autorizaram o direito de uso dos depoimentos para fins acadêmicos.

Os participantes responderam a um questionário, constituídos de 15 perguntas abertas, visando analisar como a E.E.J.A.F. contribuiu para a qualidade da educação no Município de Caratinga, nas décadas de 1960 e 1970.

A amostra privilegiou o levantamento das opiniões e os registros sobre a relevância da contribuição da E.E.J.A.F. para a transformação sociocultural da cidade de Caratinga. As informações relatadas nos depoimentos permitem uma visão panorâmica sobre a qualidade da educação da E.E.J.A.F.

O Quadro 1 e 2, a seguir, apresentam um resumo das perguntas de número 1 a 4 do roteiro da entrevista. Os entrevistados responderam a qualificação, principal ocupação, quando começaram a estudar/trabalhar e quando encerrou os estudos/vínculo na E.E.J.A.F.

Quadro 2: Ex-alunos (1960 a 1980)

	Idade	Principal Ocupação	Tempo de Estudo
Ex-Aluno 1	58	Professor	02 anos
Ex-Aluno 2	58	Professora	01 ano
Ex-Aluno 3	55	Professora	08 anos
Ex-Aluno 4	51	Balconista	03 anos
Ex-Aluno 5	56	Professora	08 anos
Ex-Aluno 6	55	Professora e Contadora	05 anos
Ex-Aluno 7		Professora e atual Diretora da E.E.J.A.F	07 anos

Ex-Aluno 8	58	Professora	01 ano
Ex-Aluno 9	67	Aposentada	03 anos
Ex-Aluno 10	56	Balconista	04 anos
Ex-Aluno 11	53	Gerente de Vendas	04 anos
Ex-Aluno 12	52	Assistente Técnico de Educação	09 anos
Ex-Aluno 13	63	Psicóloga Aposentada	06 anos
Ex-Aluno 14	64	Analista de Sistemas	09 anos
Ex-Aluno 15	67	Professor aposentado	03 anos
Ex-Aluno 16	59	Auxiliar de Serviços	02 anos
Ex-Aluno 17	71	Aposentado	03 anos
Ex-Aluno 18	62	Professor, Servidor Público e Advogado	02 anos
Ex-Aluno 19	67	Diretora de Escola	02 anos
Ex-Aluno 20	56	Cartunista	08 anos

Fonte: Roteiro de Entrevista da pesquisadora

Quadro 3: Ex-professores (1960 a 1980)

	Idade	Principal Ocupação	Tempo de Vínculo
Ex-professor 1	70	Diretora Pedagógica	25 anos
Ex-professor 2	65	Professora Aposentada	31 anos
Ex-professor 3	75	Professora Aposentada	15 anos
Ex-professor 4	70	Professor Aposentado	33 anos
Ex-professor 5	77	Professor e Coordenador de Extensão	21 anos
Ex-professor 6	63	Professora Aposentada	12 anos
Ex-professor 7	83	Professor Aposentado	12 anos
Ex-professor 8	80	Inspetora Escolar Aposentada	04 anos
Ex-professor 9	81	Professor e Coordenador de Área	24 anos
Ex-professor 10	77	Professor	04 anos

Fonte: Roteiro de Entrevista da pesquisadora

Seguindo o roteiro da entrevista, os participantes comentaram sobre a localização, características do prédio, espaços como biblioteca, auditório, quadra de esportes da E.E.J.A.F. Uma das entrevistadas disse que a primeira impressão que se tinha ao chegar ao Colégio Estadual era de um espaço enorme, arraigado na tradição, mas com acolhimento por parte da

equipe profissional. Um aspecto que chamava a atenção era o muro lateral à entrada dos alunos, “todo furadinho”, e que é o mesmo até os dias de hoje:

“Eu tenho boas lembranças daquele espaço, mas o espaço que me marcou realmente foi primeiro a biblioteca que era riquíssima, tendo a D. Maria José como bibliotecária, que prestava um atendimento de grande qualidade. Ela indicava os livros, observava quais livros a gente lia e no final de um período (de aula) ela abordava de uma forma tão educada que você tinha prazer em pegar um novo livro. Não era uma leitura obrigatória, era uma leitura prazerosa e muito prazerosa pelo papel dela enquanto bibliotecária. O segundo espaço que mais me marcou foi o auditório, que era o lugar da liberdade para nós onde a gente fazia o Grêmio. Era um espaço onde a gente realmente podia dizer aquilo que a gente pensava, demonstrar o que a gente tinha aprendido em sala de aula de uma maneira muito livre. O auditório, para mim, até hoje representa a liberdade de expressão”. (Ex-aluna 3)

Outro aluno entrevistado destacou que morava a uma distância considerável da escola, mas que gostava de frequentar a E.E.J.A.F. devido ao ambiente ser bom, bem higienizado e com uma estrutura física diferenciada para aquela época. Ainda salientou a existência de duas quadras, uma arquibancada grande para se assistir os jogos estudantis e um anfiteatro que poderia ser utilizado para apresentações culturais (Ex-aluno 3).

Ainda com relação ao espaço físico da escola, uma ex-aluna salientou que na época considerava o espaço confortável e adequado para o desenvolvimento das atividades estudantis. Apontou, conforme os demais a realização de atividades artísticas (música e teatro) no anfiteatro.

Salientou que havia uma biblioteca bem estruturada, com acervo considerável, onde poderiam ser utilizados livros para pesquisa e entretenimento, tanto no espaço da escola como em casa. Apontou que a bibliotecária era uma pessoa boa, mas tinha por característica ser muito rígida, carrancuda. Havia ainda a possibilidade de se realizar atividades esportivas utilizando as quadras da escola, com a prática de voleibol, handebol e ginástica (Ex-aluna 5).

Na realização da entrevista, a ex-aluna 6 destacou que morava no bairro Santo Antônio, que de acordo com a realidade da época, era considerado muito longe da E.E.J.A.F., e com o calçamento de pé-de-moleque era cansativo caminhar até à escola. Mas que estar no ambiente educacional da escola era muito bom, principalmente na biblioteca que era equipada com acerto de enciclopédias recentes, como a coleção da Barsa. Ainda salientou a importância da utilização do espaço do anfiteatro no período em que frequentou a escola, pois eram realizados grêmios estudantis com disputas entre as turmas, coisa que não era realidade nas demais escolas da região (públicas ou particulares). Um ponto considerado negativo para a

entrevistada era a realização de atividades físicas, pois a ginástica era cansativa demais, e ainda tinha que caminhar de volta para casa (Ex-aluna 6).

As ex-alunas entrevistadas de número 7 e 8 também salientaram que a escola possuía uma boa localização, na área central da cidade, com espaços grandes e arejados, uma quadra poliesportiva bem equipada e um anfiteatro que era o único de Caratinga. Era considerado o melhor colégio da região, com uma boa biblioteca, e o incentivo à realização de atividades artísticas no anfiteatro.

Uma aluna que foi entrevistada traz relatos da época inicial da escola, no período em que era dirigida pelo Professor Armando:

“O Estadual foi uma história de vida muito bonita para mim, porque eu tinha o Colégio das Irmãs ao lado da minha casa, mas eu optei por estudar lá e os meus irmãos, também, estudaram no Estadual. Eu usei muito naquele tempo o anfiteatro, só que hoje mudou, aumentaram o palco. Fazíamos muitas peças. As peças eram famosas. Era eu, a Celina Cevidanes e a Neves. Eu tive uma educação ali de muita liberdade. O professor Armando excelente diretor na época que passou por ali. O professor de Inglês, Jairo Grossi fantástico, o Amir Rezende, de História, eles eram professores super atuais. A quadra também era bem usada. Não havia cobertura. A gente jogava vôlei, handebol, as arquibancadas, a gente cantava o Hino Nacional, o respeito à Bandeira, que é muito bonita, ao nosso Hino, à nossa Pátria. O Estadual foi para mim uma história muito grande e eu não posso esquecer-me de citar o Valter Nunes, que cuidava da disciplina. O Estadual só trouxe coisas boas, bons professores, boa Diretoria. O pátio não era coberto, mas havia grêmios com música, com violão, uma saudade muito grande. Frei Carlos fazia a gente usar muito a biblioteca. Não tinha tanta leitura, mas alguns, como eu, tinham em casa a Barsa, mas a gente completava o que faltava. Não era muito grande, mas nunca deixou a desejar.” (Ex-aluna 13)

O relato de um aluno que também fez parte dos anos iniciais da E.E.J.A.F. apresentou a realidade da época dizendo que o acesso à escola se dava por um morro que era continuidade ao Hospital Nossa Senhora Auxiliadora. A rua ainda não era totalmente habitada, havendo trechos com lotes e terrenos baldios, mas que não representavam perigo aos alunos. A escola era de só um pavimento, pintado nas cores cinza e branco, com o muro vazado no entorno para entrada de ventilação. Encontravam-se no espaço da escola as salas de aula, secretaria, diretoria, biblioteca, quadras, laboratório de ciências, banheiros (masculino e feminino), sala de geografia, cantina e um grande auditório com piano. A escola era considerada modelo na região e os alunos tinham acesso às dependências para atividades culturais e esportivas (Ex-aluno 14).

Pelo que foi apresentado até o momento, os alunos apontaram que a escola era uma referência em qualidade de ensino e em estrutura física diferenciada para a época, pois nenhuma outra instituição no município possuía tantos recursos ao alcance dos alunos. Percebe-se que os alunos poderiam utilizar o espaço da escola para realização de esportes e competições de voleibol, futebol e handebol e o anfiteatro para os grêmios estudantis e demais atividades culturais e artísticas, como teatro e sarais.

Outros alunos apontaram nas entrevistas que além da biblioteca bem estruturada, ainda havia dois laboratórios, um de química e um de biologia, bons para o estudo. A escola era bem organizada, com acolhimento dos alunos por parte dos profissionais, onde havia incentivo ao desenvolvimento de apresentações artísticas, onde todas as séries eram encaminhadas ao anfiteatro para assistirem os eventos e realização dos Grêmios Estudantis (Ex-aluna 19).

Um ex-aluno da década de 1960 destacou as diversas atividades que poderiam ser realizadas em prol do enriquecimento cultural dos alunos. Havia aulas de práticas agrícolas, práticas comerciais e educação para o lar, onde era utilizado o espaço na parte alta da escola, próxima à estrutura do Hospital Regional, onde atualmente funciona a maternidade. Ainda havia atividades nos laboratórios de ciências e geografia. Ainda se podia contar com os espaços da biblioteca para pesquisas (inclusive com os jornais diários impressos) e do anfiteatro para os grêmios literários e apresentações artísticas. O espaço da quadra era utilizado para atividades e competições esportivas e também para o ensaio da bateria do colégio, que se apresentava no desfile cívico da cidade. “Era uma rotina comprar merenda na cantina do Sr. Alonso, que vendeu lanches para os alunos por aproximadamente três décadas. Para quem não pudesse comprar o lanche, havia uma merenda simples, mas muito bem feita, que era servida aos alunos” (Ex-aluno 20).

Esta percepção dos alunos com relação à escola é muito interessante, pois a maior parte, mesmo que em épocas distintas, ressalta como a infraestrutura da escola foi fundamental para seu processo educativo, seja por meio das atividades artísticas, esportivas ou de utilização de espaços específicos para o aprendizado, como a biblioteca bem estruturada e os laboratórios. Ainda é possível perceber que a acolhida oferecida pelos profissionais da escola foi marcante e preponderante para o desenvolvimento integral dos alunos. Dentre os alunos entrevistados, não houve apontamento de problemas vivenciados dentro da E.E.J.A.F. durante o período de estudo, havendo a recordação de bons momentos e boas lembranças do ambiente como um todo.

Passa-se ao relato dos ex-professores entrevistados para essa pesquisa, abordando a percepção e experiências vivenciadas no seu tempo de trabalho. Os professores que participaram das entrevistas exerceram sua função nas décadas de 1960 e 1970.

O primeiro a ser relatado aqui afirmou que no período em que iniciou o exercício das atividades na E.E.J.A.F. , a referida escola era considerada como excelente, uma das melhores da região:

“Além de uma biblioteca muito boa, havia reuniões mensais dos alunos no anfiteatro para o grêmio literário e apresentações artísticas. Essas atividades já constavam do calendário escolar. Em comparação àquela época para os dias de hoje, a entrevistada afirmou que considera que a educação foi para o buraco, não possui a mesma qualidade. Havia uma preocupação com a formação integral dos alunos, estendendo ao ambiente escolar a educação iniciada em casa, trazendo aspectos diversos para a formação dos alunos, abrangendo a cultura formal, educação física e educação artística. A entrevistada ressaltou a qualidade do corpo docente, da sua formação, e também do corpo discente, que traziam de casa educação e interesse na educação. Era comum aqueles alunos ficarem à porta da sala dos professores esperando para ajudar os docentes a carregarem os materiais para a sala de aula, com educação e solicitude. Quando ela chegava à sala de aula para ministrar o conteúdo de matemática, havia uma organização na troca dos professores. Claro que havia problemas, não era um tempo perfeito, mas tudo resolvido com cortesia. Observava-se um comprometimento desde o porteiro até o diretor. Todos deveriam chegar no horário para dar exemplo. Os alunos deveriam estar com o uniforme completo, incluindo as meias, ou deveriam voltar para casa, e o tempo de tolerância era de 10 minutos para a entrada. Os alunos obedeciam e cumpriam a determinação da escola. Os pais exigiam que os alunos fossem responsáveis e respeitosos dentro da escola. Mandar tarefas para casa não era visto como castigo, mas sim uma forma de fixação do aprendizado da sala de aula. Os próprios alunos cobravam os exercícios para casa.” (Ex-professora 3)

O segundo relato aqui citado é de um professor, que afirmou sempre ter um relacionamento excelente com a escola, desde o corpo discente, os professores e diretores. Em 1972 lecionava para o 2º e 3º anos do Ensino Médio (antigo científico). Havia uma orientação para trabalhar com as turmas, sendo que uma era voltada para as carreiras da área da saúde, com uma grade curricular mais pesada em Biologia e Química e uma outra voltada para as profissões baseadas em exatas, como a Engenharia, com a grade focando mais a Matemática e a Física. Era a maneira do colégio preparar os alunos para a escolha da carreira e para o vestibular. Essa junção de dedicação de profissionais da escola e dos alunos traziam bons frutos, pois o corpo discente saía preparado para ser aprovado em vestibulares das universidades públicas. Muitos são os ex-alunos da escola que encontramos que são médicos, engenheiros, psicólogos, professores e muitas outras profissões e que são frutos desse

período. Os alunos buscavam utilizar as dependências da escola para aprenderem, respeitando as determinações da escola, como o ambiente da biblioteca. O anfiteatro comportava 240 pessoas sentadas em sentido de declive para com o palco e diversas atividades estudantis foram realizadas lá. Era um ambiente onde se realizavam as reuniões mensais de pais e mestres, com comparecimento em peso dos pais dos alunos (Ex-professor 4).

Um professor que atuou na escola na década de 1960 afirmou que a inauguração da E.E. J.A.F. foi uma grande conquista para a região. Foi um prédio planejado para o futuro, com uma planta baixa em forma de U, possibilitando o acesso fácil a todas as áreas da escola. As duas quadras esportivas faziam parte do projeto original e posteriormente foi acrescentado o anfiteatro. O espaço era usado como Centro Cívico (Ex-professor 5).

Outra ex-docente apresentou alguns fatos sobre a escola:

“Sempre achei o colégio estadual com uma rede física muito boa. Era uma escola que tinha condições de propiciar ginástica, jogos. Na parte de Educação Física tínhamos um bom desenvolvimento de atividades nessa área para os alunos. Tinha e tem um anfiteatro muito bom, um dos melhores da cidade, acredito que depois do Cine Itaúna seja o melhor daqui. A biblioteca de lá nunca foi tão boa, mas em relação às demais escolas, na época em que eu trabalhei lá era razoável. As salas de professores, salas de aulas eram muitos espaçosas, muito boas.” (Ex-professora 6)

Na opinião da maioria dos entrevistados a escola possuía características marcantes em relação ao seu espaço físico e localidade. Ela possuía espaço amplo, com quadras para práticas esportivas e o anfiteatro muito lembrado pelos participantes da pesquisa, onde eram realizados os grandes eventos culturais.

Os entrevistados salientaram a participação ativa dentro do espaço que a escola oferecia, seja na prática esportiva, nas atividades culturais do anfiteatro ou na utilização da biblioteca.

No que diz respeito às relações entre professores e alunos da E.E.J.A.F., os entrevistados apresentaram seus depoimentos e suas lembranças:

“Era uma relação de muito respeito na minha época. Eu tive excelentes professores no colégio Estadual, mas não era uma relação distante. Eu não me lembro de... a não ser na área de exatas que era um pouquinho mais, acho que é porque eu tinha mais dificuldades também, mas era uma relação muito interessante porque os professores daquela época tinham um conhecimento muito grande dos conteúdos que eles ministravam e conseguiam trazer a turma muito presa ao que eles estavam ministrando. Eu fui aluna, por exemplo, do professor Jairo Grossi, que é uma pessoa inesquecível pra mim porque ensinava a Língua Inglesa e a Literatura Inglesa pra nós de uma

forma que eu nunca vi ninguém fazendo. Sempre que eu trabalho hoje que eu quero parecer um décimo com Jairo Grossi e outros professores também: professor Lacerda, padre José Raul, que era seminarista à época, professor Laurens, de Química, padre Othon, professor de Língua Portuguesa, Onofre Dornelas, que era seminarista e hoje é parapsicólogo. Então a gente teve professores extremamente preparados, ensinavam sem serem muito melosos, mas eles tinham aquela coisa de trazer para nós que o conhecimento era importante. Tinham credibilidade. Foram experiências muito positivas.” (Ex-aluna 3)

Outros ex-alunos entrevistados destacaram o excelente relacionamento e o clima harmonioso e respeitoso entre alunos e professores, salientando que os docentes eram responsáveis e capacitados. Destacou-se a presença do Frei Carlos e sua autoridade, bem como a autonomia que os professores possuíam, de modo que os alunos mantinham a ordem a fim de aprender os conteúdos, pois era necessário estudar para passar de ano. E ainda se tinha o medo de repetir de ano e perder a vaga na escola (Ex-alunas 5 e 6; Ex-aluno 10).

A Ex-aluna 13 afirmou que havia muito respeito no ambiente, tanto dos alunos para com os professores quanto o contrário. Mesmo em tempo de respeito e dedicação, ainda se encontrava tempo para a propagação de lendas urbanas. Contava-se na época que a E.E.J.A.F. havia sido construída sobre a sepultura de Antero Muriato e que seu espírito vinha assombrar a escola. Então, todas as coisas que eram encontradas fora do lugar, barulhos fora de hora (muitas vezes por obra dos alunos) eram atribuídas a Antero Muriato. Chegou-se ao ponto de alunos serem castigados por propagarem a lenda e realizarem suas traquinagens contando com o medo de alguns da alma penada (Ex-aluna 13).

Alunos das décadas de 1960 e 1970 salientam que a escola tinha uma postura enérgica sobre disciplina, mas que os profissionais mantinham uma boa relação com alunos e famílias. Os alunos eram instruídos em casa sobre a maneira de se portar na escola e em sala de aula, que deveriam respeitar os professores e demais profissionais. Foram citados como referência da época: Frei Carlos, Diretor; Dona Neuza, Professora de Francês; Aparecida, Professora de Matemática. Os profissionais que atuavam na E.E.J.A.F. tinha orgulho de dizer onde trabalhavam, pois era uma escola considerada de alto padrão. Os alunos também se orgulhavam de dizer onde estudavam, pois era oferecida uma formação aos alunos que dava condições de ser aprovado no vestibular (Ex-alunos 17, 18 e 19).

Ainda pode ser apontado o relato de outro entrevistado sobre a relação com os profissionais na escola:

“Era uma relação amistosa e respeitosa. Apesar de sempre haver os bagunceiros, era uma bagunça onde o professor não era agredido ou ofendido, havia um respeito, um temor natural pelos mais velhos e autoridade. O desafio à autoridade era mais na base do debate, e isto era apreciado até pelos próprios professores. O professor Frei Carlos de São José, por exemplo, que dava aula de Geografia para minha turma, e foi vice-diretor por alguns anos, era um dos mais temidos por sua fama de bravo, porém ele admirava os alunos que o desafiavam intelectualmente, e isto valia para muitos outros com os quais debati, como os professores Amir Rezende (história), Ana Portilh (história), José Aylton (geografia), Jairo Grossi (inglês e português), D. Clóris (física), padre Othon (português), Rômulo Arantes (ciências) e outros. Professores como José Schittini, que apesar de dar aula de práticas comerciais era um homem de teatro, nos orientavam e dirigiam nas atividades artísticas no anfiteatro, tendo inclusive promovendo uma reforma estrutural no mesmo, transformando-o num verdadeiro teatro, com coxias, cenário, camarins, ribalta e tudo o mais. Isso nos estimulava a criar, questionar, atuar. Enfim, eram verdadeiros orientadores, dos quais me lembro com imenso carinho.” (Ex-aluno 20)

O que se pode perceber nas entrevistas, é que os alunos relembram com saudade da época que frequentavam a E.E.J.A.F. não somente dos momentos de descontração, mas também das relações entre corpo docente e discente.

O respeito aos professores era um hábito dos alunos, pois aprendiam em casa o respeito à autoridade. Também se pode destacar que a E.E.J.A.F. possuía uma boa estrutura, sendo referência na região no período analisado, mas que os alunos também se comprometiam a aproveitar os recursos disponíveis na escola.

Foi apontado pelos Ex-alunos entrevistados que os professores que atuavam na E.E.J.A.F. possuíam uma boa formação acadêmica, colocando à disposição dos alunos seu conhecimento, contribuindo diretamente para a formação integral do corpo discente. Os alunos, por sua vez, buscavam as melhores alternativas para colocar seu aprendizado em prática.

Dentre as entrevistas dos professores sobre as relações dessa época, se pode destacar que os profissionais consideravam ser de muito respeito e até os dias atuais os professores ainda são reconhecidos pelos seus ex-alunos com demonstrações de carinho. Quando o professor adentrava à sala de aula, os alunos se levantavam. Quando o professor se sentava, os alunos também o faziam. As carteiras ficavam enfileiradas e as salas possuíam em média 30 alunos. Era um ambiente harmonioso, onde imperava o respeito, e que o professor era a autoridade ali existente. Um dos entrevistados afirmou que iniciou sua vida docente muito

jovem, recém-formado aos 22 anos, e que mesmo assim, contou com o respeito e amizade dos alunos, que se perpetua até os dias de hoje. A E.E.J.A.F. possuía os melhores professores da cidade, formando um grupo muito seletivo. Poucos professores exerciam função em outras escolas, a maioria se dedicava somente à E.E.J.A.F. era muito raro haver reclamações dos professores sobre a disciplina dos alunos (Ex-professores 1, 4, 5 e 10).

“Para a sociedade caratinguense em geral o Estadual era tido como um modelo, uma referência. Era uma escola que priorizava pela qualidade de ensino. Os professores eram respeitados, normalmente os professores eram divididos em duas categorias: os contratados e os catedráticos, aqueles concursados e efetivados. Durante muito tempo fui professor contratado até o dia em que houve o concurso, então eu fui efetivado como catedrático na época. Para se ter uma ideia, nas reuniões para fazerem deliberações sobre o colégio entre professores havia uma diferença, uma divergência. Quem definia as regras eram os catedráticos e havia um ou dois representantes dos contratados. Com o tempo essa hierarquia foi mudando. O Estadual era muito bem dirigido pelo professor Armando. Posteriormente ele foi muito bem assessorado pelo Frei Carlos, um italiano com aquele ímpeto muito dinâmico, sempre se impunha, não só pela autoridade, mas pela competência e era muito respeitado por todos.” (Ex-professor 4)

Segundo os entrevistados e pelos depoimentos percebe-se a relação de respeito e disciplina entre alunos e professores. Fica evidenciado pelos registros das falas a boa relação que existiu.

O que se percebe é que o respeito dos alunos para com os professores era algo recíproco, não por medo. Os alunos traziam para a escola as práticas de educação e comportamento que aprendiam em suas casas, e aplicavam tais conhecimentos no ambiente escolar. Os professores, por sua vez, devolviam o tratamento cordial e respeitoso que recebiam do corpo discente.

Ao serem questionados sobre as principais características da E.E.J.A.F., tanto ex-alunos quanto os ex-professores relataram a qualidade de ensino; o nível de conhecimentos dos professores, proporcionando um ambiente de aprendizagem. A disciplina também foi uma característica citada e a principal de que a escola era referência na cidade.

Salienta-se que a E.E.J.A.F. era uma escola muito tradicional. Era uma escola pública, mas os filhos das melhores famílias estudavam lá, pois a escola preparava os alunos para o vestibular. Muitos dos médicos e engenheiros formados naquela época são frutos da E.E.J.A.F. Houve uma turma de formandos que quase todos os alunos passaram no vestibular e são ótimos profissionais atuantes em Caratinga e região. Pode-se dizer que além do compromisso dos profissionais e dos alunos, havia participação ativa dos pais nas reuniões

escolares, checando as atividades dos alunos, sua participação na escola e no ensino de responsabilidade aos alunos frente à sua formação (Ex-professor 3 e 5).

Além da gratuidade de ensino, havia qualidade. O fato de ser gratuito facilitava o acesso à escola, mas nas décadas de 1960 e 1970 quando havia grande procura, os alunos ingressantes no curso ginásio eram submetidos a um teste de seleção e os primeiros colocados estudavam na escola e os demais só poderiam entrar caso houvesse desistência. Era uma seriedade dos por parte dos professores e um comprometimento por parte dos alunos. Além de uma educação de qualidade, a E.E.J.A.F. ainda era reconhecidamente forte no esporte, sendo temido adversário nos campeonatos (Ex-professor 7).

Dois Ex-professores (09 e 10) apresentaram a realidade da escola nas décadas de 1960 e 1970, dizendo que:

“Naquela época o Estadual era um colégio de elite, depois é que ele foi massificado. Até 1968, mais ou menos ele era de elite, depois se tornou um colégio mais da massa, o que é bom porque não pode ficar só para a elite, mas eu acho que havia sempre um respeito muito grande da comunidade e muita gente tinha vontade de estudar lá, mas havia uma seleção muito rígida.” (Ex-professor 9)

“A característica mais marcante era o rigor, porém com respeito mútuo entre o corpo docente e o discente. Por não existir vagas para todos os candidatos, a seleção dos alunos era rigorosa. O Colégio recebia os alunos de melhor nível da região, que o tornava uma instituição de excelente nível educacional. Era uma escola para as elites no sentido intelectual e social.” (Ex-professor 10)

Conforme apresentado pelos Ex-professores até o momento, percebe-se que a E.E.J.A.F. era uma escola que recebia alunos com melhores níveis e se propunha a oferecer educação e formação para que estes indivíduos melhorassem ainda mais. De acordo com o citado pelo Ex-professor entrevistado, mesmo quando a escola passou a receber a “massa”, ainda buscou manter uma educação de qualidade, não somente devido à sua estrutura física e metodológica, mas também pelo nível dos profissionais envolvidos no processo educacional.

Os docentes possuíam uma boa formação acadêmica e se dedicavam ao trabalho que desenvolviam na E.E.J.A.F., e exibiam com orgulho o nome da escola. Aliado a isso, estava a importância do trabalho realizado pelas famílias, que enviavam os estudantes para a escola com a formação básica em termos de educação, ética e moral, cabendo à escola realizar o papel que é dela, a educação formal.

Outros Ex-alunos apontaram na entrevista que a época em que frequentaram a E.E.J.A.F. os alunos estudavam mesmo. Havia grande concorrência para as vagas na escola e os professores eram reconhecidos pela sua formação. Os alunos recebiam o conhecimento, mas eram incentivados a pensar por si só, com uma visão crítica do mundo. Mesmo em período de ditadura militar a escola permitia o pensamento e a atitude, desde que com responsabilidade. O aluno deveria entender que suas ações são livres, mas que é prisioneiro de suas escolhas (Ex-aluno 01 e 03).

A E.E.J.A.F. foi considerada como um ambiente educacional marcantes, pois a aprendizagem deveria ser constante. Os alunos deveriam ler e escrever corretamente. Os conhecimentos matemáticos aprendidos tinham a função de serem utilizados na vida prática e na disputa por uma vaga na universidade. Era um ensino considerado como “apertado”, o que culminou no sucesso de muitos ex-alunos, que entraram nas universidades públicas e particulares e aprovação em concursos públicos. Inicialmente era uma escola elitizada, mas depois foi recebendo uma diversidade maior de público sem perder a qualidade (Ex-aluna 05).

Ainda se pode dizer que o diretor e os docentes cobravam dos alunos que mantivessem a disciplina. O senhor Abner (que cuidava da disciplina dentro da escola), Frei Carlos e Professor Jairo Grossi eram bons profissionais e que buscavam manter o nível do ambiente. Não era permitido o aluno “cabular” aula nem chegar atrasado. Os alunos respeitavam as determinações impostas sobre disciplina e cortesia pois tinham medo de perder a vaga em uma escola tão bem referenciada. O processo seletivo era duro, era difícil conseguir estudar lá devido aos resultados dos alunos que concluíram os estudos e ingressaram na universidade. Havia um rigor e uma seriedade muito grande com o comportamento dos alunos e com o aproveitamento educacional. Não havia desculpas, o aluno deveria dar conta dos conteúdos e das atividades (Ex-aluna 19).

“A qualidade do ensino era fenomenal. O clima entre os alunos também era muito bom, era uma grande turma dividida entre subturmas com tudo o que acontece em agrupamentos de adolescentes e jovens, mas não sei se por naquela época os pais se envolverem mais na educação dos filhos do que hoje, quando delegam esta educação para empregadas e professores, os alunos tinham uma civilidade natural que fazia com que o ambiente fosse amistoso. As relações eram muito boas e amizades feitas nesta época perduram até hoje. Além disso, o espaço físico era espetacular: a luz nas salas de aula era boa, era arejado, o pátio com as quadras e as arquibancadas era muito aprazível e gregário. A gente se sentia mesmo à vontade naquela pequena cidade.” (Ex-aluno 20)

De acordo com o descrito, a E.E.J.A.F. era conhecida no município de Caratinga e região pela qualidade da educação, sendo salientado que desde o modo de ingresso na escola exigia dos alunos um nível mínimo de conhecimento, aplicados na realização de uma prova de ingresso. Os professores tinham formação que poderia contribuir para o desenvolvimento do conhecimento dos alunos, ajudando em sua formação acadêmica.

Inicialmente a escola era considerada uma instituição da elite da região. Posteriormente houve a massificação da clientela atendida, mas sem cair a qualidade do ensino. A atuação dos docentes da época era em prol de contribuir com a formação dos alunos através da educação de qualidade.

Questionados sobre os materiais e tecnologias utilizados na E.E.J.A.F., a maioria dos entrevistados lembraram que a escola utilizavam livros e que apesar da tecnologia não estar presente, alguns professores utilizavam de algum tipo de recurso tecnológico para ministrar suas aulas, um Ex aluno lembrou que o professor utilizava o “livro didático, retroprojeter... havia um aparelho que o professor José Aylton usava (que eu não sei o nome) que fazia umas ondinhas lá no quadro, que mostrava sobre o clima, a influência marítima, os ventos...” (Ex-aluna 5).

Já a Ex-aluna 7 lembrou que os “materiais eram básicos: livro didáticos, mapas geográficos, laboratório de ciências. Tecnologia não existia e não interessava ao governo, visto que vivíamos da ditadura militar.”

O Ex-aluno 18 lembrou do laboratório de pesquisa: “a escola tinha laboratório de pesquisas, muito embora, havia poucos recursos para aquisição de material de pesquisas, mas os professores muito capacitados para as disciplinas.”

O Ex-professor 5 relatou sua experiência com os materiais e tecnologias utilizados na época, que eram o quadro negro e o giz. Em sua docência era utilizado um outro recurso, que era a apresentação imagens das paisagens dos conteúdos de Geografia, como paisagens, diferenças de vegetação, essas coisas. Ainda utilizava mapas nas paredes da sala de Geografia para estudar os países do mundo. Eu utilizava o globo terrestre em algumas atividades (Ex-professor 05).

Quanto ao questionamento se haviam atividades fora da sala de aula, encontra-se os relatos sobre as atividades culturais que a E.E.J.A.F. realizava, como os grêmios literário e estudantil. A escola tinha uma fanfarra que apresentava nos desfiles cívicos, teatros eram realizados no anfiteatro, festivais de música e feiras de ciências:

“O grêmio geral era o principal meio de conagração entre os estudantes: nele eram apresentados números de teatro (na maior parte, esquetes), declamação de poesias, apresentações musicais, pequenas palestras. Havia um piano que ficava permanentemente postado no canto esquerdo do palco, mas no chão e não em cima dele. Nele, havia aulas de canto pela Dona Rita, e era também usado nos grêmios. Havia o grêmio da sala de aula também. Cada sala tinha seu grêmio, e tudo desaguava no Grêmio Geral, que acontecia uma vez em cada semestre. Alunos montavam peças de teatro ocasionalmente, fora do grêmio. Fanfarra era mesmo a bateria, que ensaiava e se apresentava duas vezes por ano: no aniversário da cidade e no 7 de setembro. Algumas turmas tinham seu próprio jornalzinho, feito no mimeógrafo, geralmente sob supervisão do professor de português. Na onda destes jornaizinhos que valiam nota, eu e alguns colegas da 7ª série viramos dissidentes e criamos um jornalzinho anarquista chamado “Jararaca Alegre”, em 1975. Talvez por sua independência, sendo editado sem supervisão de professores e portanto, sem “censura”, o jornalzinho – que circulava quinzenalmente – acabou ganhando voz própria e se tornando a voz dos estudantes em relação a suas reivindicações, atividades, festas, e um aspecto muito interessante ficou sendo as “focacas” e demais brincadeiras entre os alunos, que eram veiculadas em suas páginas. Uma espécie de coluna social ao contrário, onde em vez de enaltecer, se fazia o que hoje chamamos de “zoeira”. Aos poucos o jornalzinho foi crescendo em alcance, e, embora a tiragem fosse pequena – o mimeografo permitia no máximo 50 cópias, a partir das quais as cópias começavam a sair apagadas e ilegíveis – o mesmo ultrapassou os muros do Estadual e passou a enviar alguns exemplares também para os colégios N. Sra das Graças, N. Sra do Carmo e Caratinga, onde tínhamos colonistas correspondentes que mandavam as notícias de lá. De 75 até 81 o jornalzinho circulou nestes colégios – perdendo a periodicidade quinzenal e passando a ser publicado mais espaçadamente, sem prazo fixo, mas nunca deixando de circular, especialmente em ocasiões de eventos, como os festivais de música por exemplo. Acabou virando também o órgão oficial do Centro dos Estudantes de Caratinga durante um período, onde ganhamos uma sala para servir de redação. Muitos estudantes participaram da equipe do jornalzinho, sendo hoje os adultos que atuam na cidade, como médicos, políticos, advogados, engenheiros, artistas, profissionais em geral. A partir daí me tornei cartunista e mantenho até hoje a publicação da Jararaca Alegre como revista, sendo que hoje sua equipe conta com cartunistas, artistas plásticos e escritores de várias partes de Minas e do Brasil. A revista é publicada ao menos uma vez por ano.” (Ex-aluno 20)

As Feiras de Ciências eram eventos muito esperados naquela época, onde eram trabalhados conteúdos de Biologia, Física e Química. Era uma participação ativa por parte dos alunos. Muitos trabalhos eram expostos em uma Feira de Ciências na Escola Estadual Princesa Isabel, com a organização da Superintendência Regional de Ensino – SRE. Selecionados os melhores trabalhos, os alunos iam representar a E.E.J.A.F. no Colégio Central de Belo Horizonte, localizado na rua Rio de Janeiro. A escola ganhou diversos prêmios (Ex-professor 04).

Outras atividades que eram esperadas pelos alunos eram os Grêmios Literários, com apresentações artísticas, musicais e de teatro. Foi uma época de ouro da E.E.J.A.F. Era rotina, antes do início das aulas o hasteamento das bandeiras do Brasil, de Minas Gerais e de Caratinga. Se cantava o hino nacional com reverência e ordem. Os alunos participavam esporadicamente de palestras de Educação Moral e Cívica sobre as questões relacionadas ao dever cívico e a vida em sociedade (Ex-professor 5).

Do grupo dos Ex-alunos, somente três lembraram de um acontecimento marcante na escola relacionado com fatos históricos, políticos e econômicos da Cidade, Estado ou do País:

“O professor Amir Rezende nos ensinava que poderíamos ter um pouquinho de liberdade, mesmo naquele período um pouco repressor, trabalhando a música “Cálice”, nos ensinando a interpretar. Não eram trabalhos fora da sala de aula, mas na sala de aula. Eles não eram tão abertos para as atividades fora da sala de aula. Aproveitavam todos os alunos que sabiam tocar algum instrumento. Aprendemos sobre os The Beatles, sobre o valor do Rock’nRoll, eu gosto de Rock por causa de um irmão que gostava e por causa da escola, lá que eu aprendi aquele contexto libertador. Quando íamos para o auditório levávamos aquilo que havíamos aprendido para demonstrar no palco. Havia muito humor. Lembro-me do Camilo, com os trabalhos da “Jararaca Alegre” nesse período, incentivado pelos professores, uma produção do aluno, um protagonismo do aluno, mas tinha por trás de todo aquele trabalho uma orientação que recebíamos de maneira geral dentro da sala de aula. Era um instrumento muito importante o Jararaca Alegre que levava as nossas ideias naquele jornalzinho mimeografado que a gente ficava louco para ler, pois era a nossa história que o Camilo e a equipe conseguiam mostrar muito bem o que a juventude pensava.” (Ex-aluna 3)

Mais um fato apresentado foi ocorrido durante a Revolução de 1964: havia uma Rede Nacional de rádio que noticiava os fatos políticos que aconteciam na época. Neste período o General Mourão saiu com as tropas de Minas Gerais para o Rio de Janeiro para ir de encontro à Revolução. Não houve troca de tiros pois João Goulart fugiu para o Uruguai. Havia a liga camponesa (semelhante ao movimento “sem-terra”) e um outro movimento que vislumbrava a reforma do ensino. Por ser a E.E.J.A.F. um microcosmo da cidade e do país, os debates sobre esses acontecimentos eram rotineiros. Ao final da década de 1970 e início da década de 1980, a geração era mais politizada e isso refletia nas discussões na escola e no Centro dos Estudantes de Caratinga – CEC. Iniciou-se um movimento de esquerda no CEC, contrário à política vigente e que sofreu represália por parte da prefeitura municipal, que tinha alinhamento com a política federal. Esse movimento de esquerda era composto por alunos de todas as escolas do município, mas encabeçado por alunos da E.E.J.A.F., demonstrando que a escola estava ligada à formação e pensamento político dos alunos, em âmbito local e nacional (Ex-alunos 17 e 20).

Foi citado pelos alunos a maneira como a E.E.J.A.F. propunha o debate político como parte integrante da formação do aluno. Era um ambiente onde eram apresentados os fatos e os alunos eram incentivados a pensar e tirar suas próprias conclusões. Mesmo em um momento de tensão política, a participação dos alunos na formação do diretório estudantil e das discussões sobre os rumos que o país deveria tomar.

Com relação a acontecimentos ainda dessa época do regime militar, alguns professores apontaram alguns fatos:

“Foi o período do Governo Militar e eu era professor de Educação Moral e Cívica, então eu promovia, e meus alunos sabem disso, semanalmente o hasteamento da Bandeira, não que fosse obrigado, mas como eu era professor de Educação Moral e Cívica eu tinha uma “obrigação” “Moral” e “Cívica” de fazer o hasteamento das bandeiras. Era uma vez por semana, geralmente às sextas-feiras, começava na parte da manhã, depois na parte da tarde novamente o hasteamento e na turma da noite era cantado o Hino e fazia a retirada das bandeiras. Isso era o que acontecia mais. Os Grêmios Littero-musicais foram muito marcantes, inclusive com gente que deixou marca, como o Camilinho com seus esquetes que não acabavam mais, no auditório, os campeonatos de Futebol, os desfiles de 7 de Setembro e de 24 de junho, no Aniversário da Cidade. Isso tudo era muito marcante. Marcante, desejado e detestado (risos).” (Ex-professor 5)

A criação da E.E.J.A.F. se deu em um período em que José Augusto Ferreira Filho ocupava o cargo de Deputado Federal. Ele possuía muito prestígio e se destacava na política brasileira, o que possibilitou a criação do colégio no município e foi colocado o nome do seu pai (Ex-professor 10).

Sobre o significado de ter estudado e/ou trabalhado na E.E.J.A.F. foram muitos os depoimentos emocionados. Uma Ex-aluna afirmou que foi fundamental para a base da sua formação profissional, não somente relativo aos conteúdos, mas também sobre a importância da formação política, da visão de mundo. Passava-se aos alunos a importância do conhecimento como instrumento para mudança de vida. Como era de uma família muito humilde, havia a consciência de que era necessário aproveitar ao máximo uma escola que oferecia tanto conhecimento e tantos recursos para o crescimento do indivíduo, como meio de se alcançar uma vida melhor. Não se pretende dizer que a escola era perfeita, que acertou em tudo, mas que a experiência foi extremamente positiva. Foi possível realizar um curso profissionalizante com a base que foi adquirida na E.E.J.A.F. (Ex-aluna 03).

A maioria dos Ex-alunos afirmaram que tudo o que sabem foi aprendido na época que estudaram na E.E.J.A.F. O comportamento, amigos, os relacionamentos interpessoais, como escrever textos, noções de inglês. Foram aulas boas para o aprendizado e a construção do

conhecimento que é utilizado até hoje. A geração da época tinha sede de cultura, de se expressar, mas não deixavam de lado a responsabilidade com os estudos, a dedicação ao Francês, Matemática, Química, Física (Ex-aluna 07 e Ex-aluno 10).

A E.E.J.A.F. era a melhor escola da região, melhor até do que a escola particular da época, Escola Maria do Carmo, que era elite. Os alunos tinham orgulho de estudar lá. Filhos de pessoas importantes estudavam na E.E.J.A.F. Um Ex-aluno afirmou que pouco tempo depois de formado passou no processo seletivo da Acesita para a carreira de TI (informática) (Ex-aluna 12 e Ex-aluno 14).

Além do nível dos docentes que proporcionaram uma visão incrível. Professores de outra cultura, como o Frei Carlos, fazia com que os alunos viajassem o mundo com a imaginação. O professor de Química, Laurens também era uma referência para todos. Mesmo os alunos que não tiveram condições de fazer um curso superior, não viam problema em ter apenas o segundo grau, pois o ensino daria condições de alcançar sucesso na vida profissional, pois era uma formação intelectual e moral, devido ao corpo docente de primeira grandeza (Ex-aluna 19 e Ex-aluno 20).

Voltando às opiniões dos Ex-professores, compreende-se que era um prazer trabalhar na E.E.J.A.F. Era uma escola excelente, com relacionamento excelente entre os profissionais e entre os docentes e os alunos. Mesmo em momentos de brincadeira e descontração, imperava o respeito mútuo.

Um dos Ex-professores afirmou que foi ele que iniciou em Caratinga o Curso Supletivo de 1º grau. O nome do projeto era “Madureza – Educação para adultos acima de 18 anos de idade”. Foi montado o IBEU e o Instituto Brasil, que realizava um preparatório para o processo seletivo da E.E.J.A.F. foi solicitado ao professor Armando (diretor da escola na época) uma vaga de trabalho lá. A disciplina oferecida foi Educação Moral e Cívica e houve uma orientação sobre o cuidado com o que era dito nessas aulas por ser período de Governo Militar (ex-professor 04 e 05).

A formação dos professores das décadas de 1960 e 1970 era um diferencial. Um Ex-professor apontou sua formação e experiência:

“Antes de trabalhar em Caratinga, havia exercido o magistério, lecionando Matemática no colégio Estadual de Manhumirim. Em Caratinga, tive a oportunidade de lecionar para turmas excelentes do antigo Curso Científico, atual Ensino Médio. Lecionei também Cálculo Diferencial e Integral na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caratinga em 1968, 1969 e 1970. Essa experiência possibilitou-me a aprovação, em 1971, em um concurso para professor de Matemática para os cursos de engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, cargo exercido de 1971 a

1995. Posteriormente, através de concurso em 1972, ingressei-me como professor de Resistência dos Materiais para os cursos de engenharia do Instituto Politécnico da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, cargo que ocupo até os dias atuais.” (Ex-professor 10)

Percebe-se o orgulho que todos têm ao falarem do significado de ter estudado/trabalhado na escola, muito desse orgulho vem da qualidade de ensino ofertado e as condições de aprendizagem que eram oferecidas aos alunos, sejam pela infraestrutura da escola, seja pela qualidade e dedicação dos profissionais envolvidos.

Foi citado por diversos entrevistados que mesmo sendo uma escola gratuita, com educação oferecida pelo estado, muitos alunos concluintes foram estudar em faculdades federais, sem necessidade de fazer curso pré-vestibular. São citados Ex-alunos que se formaram em Medicina, Direito, Odontologia, Engenharia e outros cursos, todos em Universidades Federais.

Perguntado sobre as melhores lembranças da vida escolar na E.E.J.A.F. e as relacionadas ao trabalho na escola, pode ser apresentado:

“De quando eu participei de Grêmios Literários. O professor Jairo fazia paródias, tocava piano a gente cantava, dançava e apresentava. Tudo ensaiado por ele, excelente. Grêmio muito divertido. Reuniam-se todos os alunos lá (no anfiteatro) e a gente se divertia muito. Para nós isso foi muito marcante. A gente ia para casa do professor para ensaiar. Outra coisa marcante também é que eu participei da fanfarra, da bateria do colégio Estadual. Eu era pequenininha, então eu ficava na rabeira do pelotão. A escola me deu um surdinho muito rouco, ruim, e um antigo aluno apelidado de The Who (José Carlos) montou para mim uma peça de tarol e o meu tarol era o melhor da bateria, então eles queriam que eu o cedesse para um colega mais alto para ele fazer o repicado na frente e eu não aceitei. Falei: Eu sei fazer o repicado e faço de trás. Catei marra e fiquei com meu tarolzinho bom arrasando na bateria do Estadual. Adorava desfilar com ele.” (Ex-aluna 5)

Três Ex-alunos apontaram alguns pontos fortes da escola nas décadas de 1960 e 1970, que marcaram sua formação: “A preparação dos professores era impecável. Sua dedicação em sala de aula e preocupação com a transmissão dos conhecimentos aos alunos (Ex-aluna 07).” “O que marcou foi o anfiteatro: o Grêmio Estudantil e o momento cívico com hasteamento de bandeiras e o hino nacional (ex-aluno 11).”

“Os amigos (muitos permanecem até hoje), as atividades físicas que se iniciavam às 4h da manhã sob orientação do professor Roldano. Marcou também os lanches comprados na cantina do Sr. Alonso (pastéis e biscoitos de polvilho). Pode ser destacado também os grêmios e as aulas de inglês do professor Jairo Grossi, que levava violão para ensinar o idioma com

músicas; o perfil disciplinador do Frei Carlos nas aulas de Geografia, aulas de música com a Dona Rita e o rachaço de futebol na quadra no período do recreio.” (Ex-aluno 14).

Pelo destacado pelos Ex-alunos, o que se percebe é que as lembranças trazidas não são somente dos períodos de lazer, do recreio e das brincadeiras, mas também, das aulas ministradas e até mesmo relativo à disciplina.

Por parte dos professores, podem ser apontados os seguintes aspectos marcantes: “O trabalho realizado com os alunos, devido à qualidade das relações interpessoais. Os alunos tinham liberdade e confiança para se aconselhar com os professores, pedir opinião sobre assuntos diversos, aspectos da vida” (Ex-professora 02). “Ver na atualidade os ex-alunos que se formaram bons profissionais e saber que pude dar minha contribuição” (Ex-professor 04). “O fato da E.E.J.A.F. ser o melhor da região e o segundo melhor do estado de Minas Gerais, perdendo somente para o Colégio Estadual Central de Belo Horizonte” (Ex-professor 07).

“A dificuldade que era para trabalhar na E.E.J.A.F. tinha um concurso, mas tinha de dar aula para uma banca examinadora e quando era a prova escrita, era sorteado um assunto dentro do conteúdo e o candidato recebia uma folha de papel sem pauta para que o candidato escrevesse sobre o assunto para no dia seguinte apresentar o conteúdo diante da banca e dos candidatos concorrentes.” (Ex-professor 5)

Pelo exposto pelos entrevistados, pode-se dizer que os professores da época dedicavam-se ao planejamento de suas aulas, a fim de promover nos alunos o pensamento crítico, independente, da visão geral da sociedade, da economia e do mercado. Esta dedicação dos docentes pode ser percebida na organização dos grêmios estudantis, da utilização de músicas e de paródias para que os alunos colocassem em prática sua visão da realidade da época.

Perguntado sobre o que os entrevistados fariam diferente se fosse possível voltar no tempo, alguns Ex-alunos responderam que levariam os estudos mais a sério, aproveitariam os professores, seriam mais dedicados. Na sua grande maioria as experiências foram boas e que não fariam nada diferente, conforme afirma a Ex-aluna 13: “Eu acho que não faria nada diferente. Eu sou tão feliz com as lembranças que eu tenho. Até hoje eu arrepio com a bateria.”

O grupo dos Ex-professores tem a consciência do bom trabalho que desempenharam e portanto, relatam suas experiências com muito orgulho do trabalho que fizeram:

“É meio complicado falar isso, né? (risos). Primeiro temos de saber que temos o direito de errar, mas temos a consciência de que errou na tentativa acertar. Como professor provavelmente errei na maneira de conduzir algumas situações como professor, mas voltaria e consertaria. Apesar do meu relacionamento excelente com os alunos, já houve épocas em que eu acho que deveria ter me comportado com eles de modo diferente. Há alunos que querem ter mais amizade com o professor, outros querem do professor o pulso mais firme e com isso você vai cativando os alunos de uma maneira ou de outra.” (Ex-professor 4)

Ainda foi apontado pelos Ex-professores entrevistados o prazer de estar na E.E.J.A.F. devido ao clima cordial e colaborativo e das possibilidades de aprendizado que poderiam ser oferecidas aos alunos. Que a maioria dos profissionais trabalhava de corpo e alma, colocando o coração na atividade de lecionar. A maioria disse que repetiria tudo que fez, com a mesma dedicação, com os mesmos objetivos, buscando a excelência docente (Ex-professores 05, 07 e 10).

Os Ex-professores entrevistados destacaram que sua atuação foi permeada de dedicação e cuidado, não somente nos conteúdos a serem ensinados, mas também em outros aspectos, colocando o coração naquilo que se faz, dedicando-se aos alunos, à escola, chegando até mesmo a se preocupar com o espaço da instituição, plantando árvores na entrada.

Sobre o que mudou na educação escolar do período em que estudou na E.E.J.A.F. para os dias atuais, todos os Ex-alunos relataram da dificuldade que um professor tem nos dias atuais para ministrar uma aula. Podemos perceber pelos depoimentos as opiniões de alguns desse grupo:

“Mudou tudo! O aluno hoje não tem obrigação, ele só tem direito. O professor não tem respaldo nem da comunidade, nem da sociedade, nem da família, nem da própria direção da escola. Os professores estão abandonados. Naquela época, não, os professores tinham respeito. Ele entrava na sala e os alunos já estavam todos lá dentro. Eu tinha um professor, que levava o cachorro dele pra escola, mas todo mundo tinham um respeito por ele, que era um professor de Química respeitadíssimo. Nós tínhamos um professor igual ao Toninho de Biologia (hoje da UNEC) respeitadíssimo, professora de Física Clóris, o marido dela, gente só de alto padrão, alto nível, então tinha aquele respeito porque a gente sabia com quem estava mexendo, hoje qualquer um é professor, qualquer um é professor, ele entra e não sabe nem o que está falando e é professor...” (Ex-aluno 1)

Outra mudança que foi apontada pelos Ex-alunos é com relação à qualidade do conhecimento que é introduzido nas salas de aula atualmente. Mesmo com tanta tecnologia disponível, grande quantidade de materiais, a formação do docente tem deixado muito a desejar. Os novos profissionais não têm a mesma segurança com relação aos conteúdos e a metodologia de ensino. Muitos acham que a tecnologia utilizada na sala de aula é suficiente para suprir as necessidades dos alunos, e que o conhecimento é secundário. Parecem muito presos à tecnologia e rasos de conhecimento. Às vezes estão presos à burocracia, diminuindo o desejo em ser um docente que pode causar a diferença na vida dos alunos (Ex-aluna 03).

Ainda pode ser salientado que os alunos estudavam, que pai e mãe ajudavam nas atividades, mas cobravam para que tivessem responsabilidade com os estudos. Existia aquela bagunça normal de adolescentes, mas não se faltava ao respeito com os professores. Se o aluno não soubesse os conteúdos não era aprovado, muito diferente de hoje em dia. A reprovação fazia com que ele pensasse em duas coisas: a primeira é se cercar de pessoas que vão te ajudar a crescer, não a regredir; e a segunda coisa é que as escolhas possuem consequências, e que não há como fugir delas. Atualmente os alunos passam sem saber. Não se preocupam em estudar por que não tem reprovação. Estão saindo da escola sem saber fazer cálculos, interpretar e escrever (Ex-aluna 05).

Percebe-se muita mudança, pois o professor não tem mais autonomia dentro de sala de aula para colocar disciplina. Além de ser um profissional despreparado em conhecimento, os alunos possuem muitos direitos, mas não possuem deveres previstos em lei, não são responsabilizados pelos seus atos, suas escolhas (Ex-aluna 08).

Outros Ex-alunos apontaram aquilo que consideram como diferença entre o período de 1960/1970 com os dias atuais:

“Os professores da época eram mais bem preparados. Os alunos eram mais educados, cordiais e respeitosos, eram orientados em casa assim. Era uma época de menos desigualdade do que hoje. Os métodos de avaliação são os mesmos, mas o meio de progressão de um ano para outro mudou muito. Os professores têm dificuldade em despertar nos alunos o interesse nos conteúdos.” (Ex-aluno 14)

“As relações entre alunos e professores estão muito diferentes, a forma de se ensinar. Houve algumas melhorias, mas a maior parte foi retrocesso. Houve muita facilitação para o aluno, não há desafio para que o aluno aprenda.” (Ex-aluno 15)

“O ensino virou uma mercadoria, um conjunto de estatísticas para mostrar a agências internacionais. Não se preocupa com a qualidade do ensino que é ministrado nas escolas públicas, mas sim com a quantidade de alunos matriculados, como passam de um ano para o outro, mesmo que não tenham

conhecimento.” (Ex-aluno 18)

“Muitas coisas mudaram. Os tempos hoje são outros. Uma nova era, com uma geração totalmente diferente. O momento vivido foi de uma educação de qualidade, contribuindo para a cultura, formação e conhecimento geral, e que nesses dias de hoje, já não cabe mais. Embora a tecnologia tenha vindo para somar, está deixando as pessoas dependentes, limitadas e alienadas. Havia muito mais compromisso por parte dos docentes também.” (Ex-aluna 19)

Há de se destacar o depoimento de um ex-aluno sobre o comprometimento dos docentes e alunos daquela época com o que é encontrado na E.E.J.A.F. nos dias atuais:

“O sucateamento do ensino público matou o Estadual como o conhecíamos. Sei que a diretora e as professoras lutam bravamente para superar esta dificuldade. Infelizmente, a educação fundamental no Brasil se tornou uma das piores do mundo. No meu tempo, o Estadual era considerado o melhor colégio da cidade, tinha até vestibular para entrar nele. Outro aspecto que mudou para pior foi a convivência. No meu tempo existia “zoeira” entre os alunos, mas nunca isto que hoje se chama “bullying”. Havia bom humor nas brincadeiras e respeitava-se o limite da dignidade humana. Não se batia em ninguém por ser considerado “inferior”, seja por classe, cor ou sexo. Isso é o que vejo que mudou para pior. Para melhor, posso citar o acesso à internet, que embora tenha afastado os alunos da biblioteca, abriu possibilidades infinitas de pesquisa. Fora isso, não tenho muito a dizer sobre as mudanças na educação em geral pois há 30 anos não sento numa sala de aula. Meus filhos estudaram em boas escolas e tenho certeza que um fator sobrepuja todas as dificuldades que tenham existido naquela época ou que existam hoje, que é o professor, essa classe de profissionais bem acima da média que considera o poder e o prazer de educar como parte do seu salário.” (Ex-aluno 20)

Um grupo de ex-professores apontam as mudanças que consideram reais na qualidade do ensino e nas relações entre professores e alunos: “Atualmente há falta de respeito para com o colega, para com os professores. Os alunos não têm responsabilidade com os deveres, quer facilidade para tudo, quer tudo pronto, nas mãos” (Ex-professora 01). “Antigamente havia muito respeito entre alunos e professores. Desde meados de 2000 que os alunos apresentavam muito desrespeito e falta de compromisso. Era uma geração diferente, uma cabeça diferente” (Ex-professora 02).

“Ocorreram mudanças positivas e negativas. O ensino foi massificado, o que é bom, pois todos têm direito e acesso ao ensino público, mas esse mesmo fenômeno de massificação trouxe problemas por falta de políticas públicas efetivas que mantivessem a qualidade da educação como era antigamente. As salas estão muito cheias, algumas com 50 alunos. Os alunos tinham que estudar para as provas, pois a progressão só era possível por mérito, não era

automática. Com isso os alunos aprendiam que para o sucesso é preciso trabalhar duro, é mérito e não facilidade. Jogar um aluno sem capacitação no mercado é uma maldade com ele e com a sociedade.” (Ex-professor 04)

Os entrevistados salientaram a queda da qualidade da educação, afirmando que as mudanças trazidas pela legislação da sua época até os dias atuais promoveram os alunos a sujeitos de direitos, mas não deu a eles deveres a cumprir enquanto alunos.

Foi citada a questão da falta de respeito dos alunos para com os profissionais dentro da escola, a falta de cuidado com o ambiente e o trato com os colegas de sala de aula. Para muitos entrevistados, as políticas educacionais e a legislação que vieram após da década de 1990, facilitou o acesso à educação, mas não trouxe garantias reais de que a aprendizagem melhorasse.

A última pergunta do roteiro foi sobre o que mais os entrevistados gostariam de deixar registrado sobre a experiência escolar na E.E.J.A.F., onde pode ser destacado:

“Aquele foi um período áureo da Educação. Hoje você não acha isso mais. Você não via falar em ninguém com déficit de atenção, hiperatividade, todo mundo estava correndo atrás. Hoje você pega uma sala com 30, 35 alunos e tem 18 tomando remédio controlado por TDH, TDI, aquele monte de sintomas, você chama a família, a família não aparece e ninguém sabe quem é. A coisa distorceu de um jeito que hoje se a educação não tomar um rumo novo, com seriedade, o aluno respeitar, voltar a coisa como era um pouco antes... Isso não é saudosismo não, isso é necessidade, a coisa vai desandar cada vez mais. Os alunos chegam aqui no segundo grau eles não sabem nada! O ciclo acabou com a Escola! Todos os movimentos que vieram para acelerar o passo, como aquele “Cabeça na Escola, Pé na Bola” acabaram com a Escola.” (Ex-aluno 1)

A E.E.J.A.F. era considerada como o colégio modelo. Inicialmente havia muita disputa para entrar, e não havia processo seletivo, era por recomendação. Posteriormente é que foi instituída uma seleção para os alunos entrarem por mérito alcançado na prova (Ex-aluna 02).

Os Ex-alunos ainda destacaram a importância de não ser reprovado. A Ex-aluna 03 disse que frequentava a Escola Estadual Sinfrônio Fernandes e que concluiu a 4ª série (atualmente 5º ano) com as notas mais altas, e por isso, devido a um concurso do Rotary Caratinga, foi encaminhada para a E.E.J.A.F. Concluiu o 2º grau com 17 anos de idade, realidade diferente dos colegas de primário, que em sua maioria só terminaram após os 30 anos. Eram tempos difíceis, filha de família humilde e de poucos recursos, mas seus pais a incentivavam pois acreditavam que o estudo era o meio de melhorar de vida. Sua história foi de sucesso, pois em 2011 chegou a ser Superintendente Regional de Ensino. Sua preocupação

neste período foi de prover recursos para que a E.E.J.A.F. voltasse a ter um pouco do brilhantismo de tempos remotos. Conseguiu recursos para aumentar a segurança no entorno da escola, reforma da parte elétrica e melhoria das condições de ensino na instituição. A Ex-aluna ainda afirmou que isso só foi possível devido à formação que recebeu na E.E.J.A.F. (Ex-aluna 03).

Destacam-se os dizeres de alguns Ex-alunos sobre as mudanças na E.E.J.A.F. e como se diferenciou do que já foi como escola referência: “Foi um período de sonho e de luta com um país democrático. Era uma juventude diferente daquela que se vê atualmente. A formação recebida em casa e na escola E.E.J.A.F. era diferencial para a formação do cidadão” (Ex-aluna 07). “A E.E.J.A.F. tinha um molde semelhante ao Coluni em termos de seriedade, rigidez e qualidade de ensino. Se o aluno chegasse atrasado ou sem o uniforme completo deveria voltar para casa e os pais eram comunicados. Os alunos se dedicavam para aprender e manter a disciplina” (Ex-aluna 08). “Havia muito respeito dos alunos para com todos os profissionais da escola, não somente com os professores. Hoje tudo é banalizado. É preciso que haja mais cobranças e um regime mais rígido” (Ex-aluna 12).

Foi um momento muito importante a todos que passaram pela E.E.J.A.F. nas décadas de 1960 e 1970. Um período de abertura da visão para o mundo e para a realidade do país. Os profissionais eram respeitosos e cuidavam dos alunos como se fossem todos uma grande família. Tinha a preocupação em moldar a personalidade dos alunos de uma maneira positiva, desenvolvendo valores que serviriam para a vida em sociedade e profissional. Os alunos eram incentivados a ter objetivos na vida (Ex-aluna 19 e Ex-aluno 20).

Por fim, se apresenta os depoimentos finais de alguns Ex-professores e sua experiência com a E.E.J.A.F.:

“Eu passei os 25 anos e digo que no Estadual eu fiz de tudo. Primeiro comecei como aluna, depois eu fui professora, exerci também o cargo de secretária, um tempo em que fiquei afastada da classe por atestado médico, exerci o cargo de vice-diretora exerci por um período o de diretora, então eu tive uma atuação marcante no colégio Estadual, que naquela época foi uma escola com uma referência muito boa em Caratinga. Eu gostaria que a gente pudesse ter essa Escola, ela poderia ter continuado sendo essa referência para nós, infelizmente hoje a clientela é diferente, o professorado não tem condição de exigir o mesmo que nós, na nossa época exigíamos, devido ao tipo da clientela, à maneira com que o Estado, as leis vieram dando muita liberdade ao aluno, ele não precisa de nota para passar, passa de qualquer maneira, então a exigência foi desgastando muito o professor, então é uma pena...” (Ex-professora 1)

“Eu gostaria realmente que o ensino voltasse a ser priorizado. Não existe futuro para um país, a não ser através do ensino e o ensino tem de ter qualidade e para ter qualidade tem de haver investimentos por parte do governo. Esse investimento tem de ser em vários níveis: na qualificação de professores, oferecendo aos alunos boas condições de trabalho, de ensino, oferecendo às escolas um espaço físico adequado e correto, tem de haver um resgate do respeito dos alunos para os professores e dos professores para os alunos também, porque tem de haver reciprocidade. Eu gostaria de ver as escolas não entulhadas de alunos com aquela intenção do governo de levar para fora do país um número irreal de aprovação, mas um número de aprovação, que seja fruto de uma capacitação que foi adquirida. O número de escolas em nível de Escola estadual José Augusto Ferreira ficou praticamente estagnado e o número de alunos aumentou muito e não houve uma contrapartida no sentido de qualidade.” (Ex-professor 4)

Os Ex-professores demonstraram possuir grande amor pela E.E.J.A.F. e dos momentos ali vividos. Havia uma dedicação no exercício do ofício, fazendo tudo aquilo que era possível para contribuir com a educação no País e a formação de uma sociedade com cidadãos mais conscientes (Ex-professor 05).

O professor podia fazer muito pelo aluno, além de ministrar os conteúdos da matéria, contribuir para a formação dos alunos em termos de caráter, ética e moral. Não se pretendia fazer a cabeça politicamente dos alunos, mas incentivá-los ao pensamento crítico, à sua percepção de mundo, como o sujeito pode influenciar o meio e contribuir para uma sociedade mais justa e igualitária. Fazer com que os alunos compreendessem que a vida esperava algo deles, e que devemos dar uma contrapartida daquilo que recebemos, deixar nossa contribuição para o mundo (Ex-professora 06).

Em síntese os entrevistados responderam as perguntas baseados em suas memórias, compreendendo as representações construídas sobre a E.E.J.A.F. quanto à sua história e qualidade de ensino, salientando os pontos marcantes em suas memórias sobre o tempo vivido na escola, e realizando uma comparação de sua época com os dias atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui construída abordou as questões relacionadas à educação oferecida pela Escola Estadual José Augusto Ferreira, no município Caratinga, entre o período de 1960 a 1980, e como essa instituição formou a elite da sociedade caratinguense.

A E.E.J.A.F. iniciou suas atividades oferecendo educação para a elite caratinguense, onde os alunos ingressantes deveriam ser indicados por pessoas influentes na comunidade para que sua matrícula fosse efetivada. Isso se devia ao fato de que a E.E.J.A.F. foi construída com o objetivo de ser referência na região e atender a demanda da elite da sociedade. Alguns anos após sua inauguração a escola passou a atender um público diversificado, desde que aprovado no processo seletivo rigoroso para o ingresso.

De acordo com o levantamento da pesquisa documental e das entrevistas realizadas com ex-alunos e ex-professores apurou-se que a E.E.J.A.F. foi construída com uma estrutura física boa, que não havia semelhante na época e até mesmo nas décadas que se seguiram. Os profissionais que ali atuavam possuíam excelente formação acadêmica e sentiam-se orgulhosos em atuar em uma escola conhecida como sendo referência na região. Primava-se pela disciplina e o respeito nas relações interpessoais, seja entre alunos e professores ou entre os alunos e seus pares.

Os professores dedicavam-se no planejamento das aulas e cumprimento do currículo, utilizando toda a estrutura da escola em prol do processo educacional, desde os laboratórios de Geografia, Química e Biologia quanto o anfiteatro para os Grêmios Literários e demais atividades artísticas.

A missão da E.E.J.A.F. no período analisado era formar alunos com conhecimento suficiente para a aprovação em vestibular ou em concursos públicos. Dentre os ex-alunos da escola estão médicos, engenheiros, advogados, docentes e outros profissionais que ingressaram nas universidades sem realização de curso pré-vestibular, pois a educação fornecida era de qualidade e dava suporte para a aprovação em processos seletivos para cursos superiores.

Foi ressaltado pelos entrevistados que além de todo o comprometimento da escola na formação do cidadão, era percebido o envolvimento da família no ensino de disciplina e respeito que deveriam ser exercidos dentro da E.E.J.A.F., além das famílias também se fazerem presentes em reuniões e na orientação dos alunos na realização das tarefas e demais atividades acadêmicas.

Todo esse conjunto de fatores, tanto os de responsabilidade da escola, quanto os das famílias dos alunos, aliados pelo interesse e comprometimento dos estudantes com o aprendizado, foram preponderantes para que sua formação na E.E.J.A.F. culminasse em indivíduos preparados para a vida em sociedade e para o mercado de trabalho, levando onde fossem os princípios aprendidos em suas casas e estendidos pela escola.

REFERÊNCIAS:

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALMEIDA, Ordália Alves de. A História da Educação Infantil. Anais do 14º Encontro Brasileiro de Educação Infantil, Campo Grande, 2002. V. 1. P. 1-15. Disponível em: <http://www.uff.br/feuff/departamentos/docs_organizacao_mural/educacao_infantil_e_leis.do>. Acesso em: 13 jan. 2019.

BARRETO, Ângela Maria Rabelo Ferreira. Por que e para quem uma Política do Profissional de Educação Infantil. In: Por uma política de formação do profissional de Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF/DPE/COEDI. 2009.

BARROS, José D'Assunção. *O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico*. Petrópolis: Vozes, 2005.

BRANDÃO, Zaia. *As crises do paradigma e a educação*. São Paulo: Cortez, 1994. (Questões da Nossa Época, nº 35).

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1961). Brasília: Câmara dos Deputados, 1961. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 14 jan. 2018.

_____. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Federal de Educação. *Reforma do ensino: 1º e 2º Graus*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm>. Acesso em: 14 jan. 2018.

_____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996). Brasília: Câmara dos Deputados, 1996. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 02 jan. 2019.

BROCK, Colin; SCHWARTZMAN, Simon. (Orgs.). *Os desafios da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

BUFFA, Ester; ARROYO, Miguel; NOSELLA, Paolo. *Educação e cidadania: quem educa o cidadão?* São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1987. (Coleção Polêmica do Nosso Tempo, nº 23).

CAMARGO, Marilena Aparecida Jorge Guedes de. *Coisas velhas: um percurso de investigação sobre cultura escolar (1928-1958)*. São Paulo: UNESP, 2000.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; SAVIANI, Dermeval; VIDAL, Diana. Sociedade Brasileira de História da Educação: constituição, organização e realizações. [online], São Paulo, jul. 2006. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/index.php?arq=arq_historico&titulo=Hist%C3%B3rico> Acesso em: 02 jan. 2019.

CASTRO, Cláudio de Moura. *Educação brasileira: consertos e remendos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão, 1988.

CORRÊA, Norton Figueiredo. *7 mentiras sobre a escola brasileira: para uma Antropologia da educação*. São Luís: Cultura & Arte, 2004.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

DEMO, Pedro. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 2. ed. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1991.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a crise do capitalismo real*. São Paulo: Cortez, 2010.

FURLAN, Elisângela. Educação na década de 1970: formação sem informação. *In: Jornada do Histedbr*, 11, 2013, Cascavel. Anais XI. Cascavel-PR: 2013. p.1-12.

GATTI, Bernardete, Angelina. Implicações e perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 113, p. 65-81, jul.2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000200004&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 02 jan. 2019.

GHIRALDELLI Jr, Paulo. *História da educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. *Filosofia e história da educação brasileira*. São Paulo: Manole, 2003.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KILPATRICK, William Heard. *Educação para uma civilização em mudança*. 16 ed. Trad.de Noemy da Silveira Rudolfer. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fename, 1978.

LIMA, Antônio José Araújo. SILVA JÚNIOR, Ronaldo. Panorama da Educação Brasileira na década de 1960. III Congresso Nacional de Educação – CONEDU, 2013. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA1_ID2286_14082016222320.pdf>. Acesso em: 23 dez. 2018.

MAGALHÃES, Justino. Contributo para a história das instituições educativas – entre a memória e o arquivo. *In: FERNANDES, Rogério; MAGALHÃES, Justino (Orgs.). Para a História do Ensino Liceal em Portugal – Actas dos Colóquios do I Centenário da Reforma de Jaime Moniz (1894-1895)*. Braga: Universidade do Minho, 1999.

MATHIAS, Elaine Cristina Bio. DE PAULA, Sandra Nazareth. A Educação Infantil no Brasil: avanços, desafios e políticas públicas. *Revista Interfaces*, ano 1, nº 1, 2009. Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170419175323.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2019.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, Carlos Benedito. Uma reforma necessária. *Educação & Sociedade*. Campinas: CEDES/UNICAMP, v. 27, n. 96 - Especial, p. 1001-1020, out. 2006.

MARTINS, Maria do Carmo. *A história prescrita e disciplinada nos currículos escolares: quem legitima esses saberes?* Bragança Paulista: EDUSF, 2002. (Coleção Estudos CDAPH. Série Histórica & Ciências Sociais).

MATTOS, José Aylton de. Partidos Políticos no município de Caratinga-MG 1964-1980. Universidade Severino Sombra – USS. Vassouras, 2006. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp099866.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

NETO, Henrique Nielsen. *Filosofia da educação*. São Paulo: Melhoramentos, 1988.

NISKIER, Arnaldo. *Educação brasileira: 500 anos de história 1500-2000*. 2. ed. Rio de Janeiro: Consultor, 1995.

OLIVEIRA, Lucia Lippi de. *Partidos políticos brasileiros: o Partido Social Democrático*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1973. 124f. mimeo. Tese (Mestre em Ciência Política) IUPERJ, Faculdade Cândido Mendes, 1973.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional. *HISTEDBR*, Campinas, n.33, p.78-95, mar. 2009.

PRADO Jr., Caio. *A formação do Brasil contemporâneo*. São Paulo: Publifolha, 2000.

REIS, Sólton Borges dos. *A crise contemporânea da educação*. São Paulo: Centro do Professorado Paulista, 1978.

RIBEIRO, Maria Izabel Araújo Faiçal. Do discurso político interpartidário nos primórdios de Caratinga-MG: contenda verbal produzida em suporte jornalístico por “Caranguejos” x “Bacuraus”. Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_RibeiroMI_1.pdf>. Acesso em: 08 jan. 2019.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. *História da educação brasileira: a organização escolar*. 13. ed. São Paulo: Autores Associados, 1993.

RIGOTTO, Márcia Elisa; SOUZA, Nali de Jesus de. Evolução da educação no Brasil, 1970-2003. *Análise*, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 339-358, ago./dez. 2005.

ROCHA, José Joaquim da. *Geografia Histórica da Capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro. Belo Horizonte: 1995, 228 p. 5 mapas.

ROMÃO, J. Eustáquio. *Poder local e educação*. São Paulo: Cortez, 1992.

SANTOS, José. *et. al.* Uma breve reflexão retrospectiva da educação brasileira (1960-2000): implicações contemporâneas. Disponível em: <https://www.aedi.ufpa.br/parfor/letras/images/documentos/ativ2_2014/cameta/baiao2012/texto-%20politica%20educacional.pdf> Acesso em: 02 jan. 2019.

SAVIANI, Demerval. O legado educacional do regime militar. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 28, n. 76, p. 291-312, set./dez. 2008.

SAYGLI, Munir Ali. *História de Caratinga*. Caratinga: Ana Pontes, 1998.

SCHULTZ, Theodore William. *O capital humano: investimentos em educação e pesquisa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

SENA FILHO, Nelson de. *Geografias urbanas comparadas no Leste Mineiro: Caratinga, Manhuaçu e Viçosa*. Tese (Doutorado em Geografia Estudos Urbanos) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2006. Disponível em: <http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/TratInfEspacial_SenaFilhoN_1.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2019.

SILVA, Arlete Marques. *Educação: terra de ninguém*. São Paulo: Loyola, 1993. (Educ-Ação. nº 8).

SIMÕES, Vera Lúcia Bermudo. Histórias infantis e aquisição de escrita. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, volume 14 (1), p. 22-28, Jan./Mar.2000.

SOARES, Leoncio Jose Gomes. A Política Educacional. Disponível em: <http://www.educacaoonline.pro.br/a_politica_educacional.asp?F_id_artigo=325>. Acesso em: 14 jan. 2018.

SOUSA, Maria Cecilia Cortez Christiano de. *A escola e a memória*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

SOUZA, Rosa Fátima de. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX* (Ensino primário e secundário no Brasil). São Paulo: Cortez, 2008.

SOUZA, Saulo Éber Tássio de; RIBEIRO, Betânia de Oliveira Laterza. Educação escolar e modernização no interior paulista (Franca – década de 60). *Cadernos de História da Educação* – n. 7 – jan./dez. 2008.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

VAL, Lázaro Denizart. *Cronologia da Região de Caratinga*. Gráfica Alvorada: 1978.

VELLOSO, João Paulo dos Reis; ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. (Orgs.). *Educação e modernidade*. São Paulo: Nobel, 1993. (Fórum Nacional).

VERHINE, Robert Evan *et al.* (Org.). *Educação: crise e mudança*. Tradução de Cândido Alberto Gomes, Deusa da Cunha Bruno, Leonor Maria Tauri, Marimar Muller Sthal. São Paulo: EPU, 1989. (Temas básicos da Educação e Ensino).

VIANNA, Luiz Werneck. *A revolução passiva: liberalismo e americanismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

ANEXO A

Roteiro da entrevista com ex-alunos (1960 a 1980)

1. Qual é o seu nome completo?
2. Em que ano e em que cidade você nasceu?
3. Onde vive hoje e qual sua principal ocupação?
4. Quando você começou a estudar na Escola Estadual José Augusto Ferreira? E quando terminou seus estudos?
5. Fale sobre a localização, característica do prédio, espaços como biblioteca, auditório, quadra de esportes da E.E.J.A.F.
6. Como era a relação entre professores e alunos da E.E.J.A.F?
7. Quais as características mais marcantes da escola?
8. Como eram os materiais e tecnologias utilizados pelos professores em sala de aula?
9. Havia outras atividades fora da sala de aula (grêmio, jornal, teatro, fanfarra, coral, etc.)?
10. Lembra-se de algum acontecimento marcante na escola relacionado com fatos históricos, políticos e econômicos da Cidade, do Estado ou do País? Comente sobre eles.
11. Qual o significado de ter estudado na E.E.J.A.F, para você e sua formação profissional?
12. Quais são as suas melhores lembranças da sua vida escolar na E.E.J.A.F?
13. O que você faria diferente se fosse possível voltar no tempo?
14. O que você acha que mudou na educação escolar do período em que estudou na E.E.J.A.F para os dias atuais?
15. Sobre a experiência escolar na E.E.J.A.F o que mais gostaria de deixar registrado sobre ela?

ANEXO B

Roteiro da entrevista com professores, ex-professores, funcionários e ex-funcionários (1960 a 1980)

1. Qual é o seu nome completo?
2. Em que ano e em que cidade você nasceu?
3. Onde vive hoje e qual sua principal ocupação?
4. Quando você começou a trabalhar na Escola Estadual José Augusto Ferreira? E quando terminou o vínculo?
5. Fale sobre a localização, característica do prédio, espaços como biblioteca, auditório, quadra de esportes da E.E.J.A.F.
6. Como era a relação entre professores e alunos da E.E.J.A.F?
7. Quais as características mais marcantes da escola?
8. Como eram os materiais e tecnologias utilizados pelos professores em sala de aula?
9. Havia outras atividades fora da sala de aula (grêmio, jornal, teatro, fanfarra, coral, etc.)?
10. Lembra-se de algum acontecimento marcante na escola relacionado com fatos históricos, políticos e econômicos da Cidade, do Estado ou do País? Comente sobre eles.
11. Qual o significado de ter trabalhado na E.E.J.A.F, para você e sua formação profissional?
12. Quais são as suas melhores lembranças relacionadas ao seu trabalho na E.E.J.A.F?
13. O que você faria diferente se fosse possível voltar no tempo?
14. O que você acha que mudou na educação escolar da E.E.J.A.F comparado com os dias atuais?
15. Sobre a experiência escolar na E.E.J.A.F o que mais gostaria de deixar registrado sobre ela?